



Conhecimento em cartaz

Teatro produzido por estudantes e professores do Departamento de Arte Dramática leva aos palcos produção cênica da Universidade

CadernoJU



DEBATE

Pesquisadores avaliam o que move os manifestantes que ocuparam as ruas do país

P5

ESTREIA

Projeto Ópera na UFRGS apresenta montagem de *Orfeu*

De 25 de julho a 4 de agosto o Instituto de Artes promove uma curta temporada do espetáculo *Orfeu*. A encenação da obra de Monteverdi marca a segunda edição do projeto Ópera na UFRGS, que tenta popularizar este tipo de

drama musicado. A montagem reúne estudantes dos cursos de Teatro, Música, Artes Visuais e Dança. *Dido e Eneias*, encenado em 2012, conquistou recentemente o Prêmio de Melhor Espetáculo do Açorianos de Música. **P13**

DIÁLOGO DE CULTURAS

Crianças guaranis e alunos do Aplicação partilham saberes

Turma do 5.º ano do Colégio de Aplicação da UFRGS desenvolve estudo sobre mitologia guarani e visita aldeia de Pindó Mirim, em Viamão, para conhecer a rotina da comunidade. Em agradecimento, convida seus anfitriões para um dia

de atividade na escola não indígena. “É uma espécie de alfabetização cultural”, resume o professor Rafael Arenhaldt. Depois de piquenique, houve dança, atividades com computadores e exposição de artesanato guarani. **P8**

CIÊNCIA NO COMBATE AO TRÁFICO

Parceria com a PF qualifica a análise de material apreendido

P11

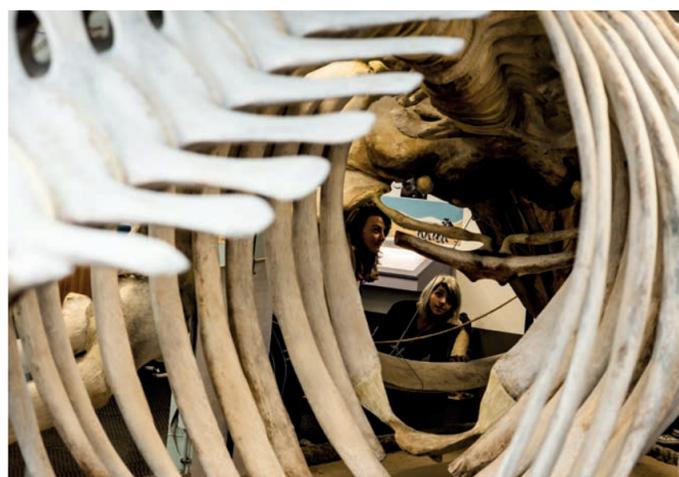
Urbanismo

Equívocos nos investimentos para a Copa de 2014 **P4**

Paraguai

Eleição de Horácio Cartes restitui o poder às elites **P10**

Três décadas dedicadas ao mar



Órgão auxiliar da Universidade em Imbé, no litoral norte do estado, o Ceclimar completa 35 anos com novos cursos, espaços e equipamentos. Além de possibilitar aos graduandos em Ciências Biológicas o aprofundamento de pesquisas, desenvolve cursos de extensão para alunos de escolas da região e está aberto à visitação durante todo o ano. A aproximação com as escolas ocorre por meio de projetos como o *Museu vai à escola*, que realiza palestras e oficinas em instituições de ensino e, em março deste ano, foi contemplado por um edital do MEC. **P7**

Espaço da Reitoria

Sérgio Roberto Kieling Franco
Pró-reitor de Graduação

Universidade, lugar de sínteses

Nos últimos dias, alguns acontecimentos nos levam à reflexão sobre o fato de a Universidade fazer constantemente o processo de síntese da construção do futuro a partir das caminhadas já empreendidas. A concessão do título de Professor Emérito a dois professores que são símbolos históricos dessa projeção é uma delas. A professora Léa Fagundes, por seus reconhecidos trabalhos a respeito das possibilidades de integração de tecnologias aos processos educativos, de modo a qualificá-los. Essas atividades têm influenciado inúmeras iniciativas dentro e fora do Brasil e são, no mínimo, inspiradoras. Outro agraciado pelo título é o professor Jorge Guimarães, que não só se destacou por seus trabalhos acadêmicos na área da Biologia Molecular como também tem dado enorme contribuição à educação nacional como presidente da Capes. Esses dois são casos exemplares que expressam essa síntese do passado na direção do futuro.

Mas, ao mesmo tempo que celebramos aqueles que contribuíram para a construção do presente, também, e não menos importante, temos os olhos focados para adiante. Assim, dentre os novos cenários que se anunciam, é importante destacar o papel da UFRGS no contexto internacional. Recentemente o MEC tornou público mais um passo no processo de integração do Brasil com os demais países de língua portuguesa, especialmente com os da África. Nossa Universidade ocupa posição de destaque nesse processo, consolidando uma trajetória de cooperação com nossos irmãos africanos, em especial os de Cabo Verde, onde a UFRGS vai participar, na Universidade de Cabo Verde (Uni-CV), da implantação do curso de graduação em Agronomia Socioambiental, além de coordenarmos, com a participação de outras quatro universidades brasileiras, uma rede de observatórios de políticas públicas em segurança alimentar. Já em Moçambique,

em colaboração com a Universidade Pedagógica, vamos trabalhar na construção do “Repositório de Objetos de Aprendizagem Moçambique-Brasil (ROA-MOBRAS)”. O objetivo de nos tornarmos uma universidade de classe mundial passa pelos processos de excelência no ensino, na pesquisa e na extensão com inclusão, e também pela capacidade de cooperação com instituições com grande tradição e com aquelas que estão em processo de consolidação.

Por fim, os acontecimentos internos no nosso país nos fazem o alerta de que temos de estar atentos às mudanças e que a Universidade, que sempre desempenhou papel de vanguarda social, artística e científica, precisa saber fazer as sínteses necessárias que deem conta do que está por vir. É nesse cenário complexo e de transformações que temos a oportunidade de cunhar o sentido de ser uma universidade de excelência para o mundo do século XXI.

UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Paulo Gama, 110 - Bairro Farroupilha,
Porto Alegre - RS | CEP 90046-900
Fone: (51) 3308-7000 | www.ufrgs.br

Reitor
Carlos Alexandre Netto
Vice-reitor
Rui Vicente Oppermann
Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello
Secretário de Comunicação Social
Ricardo Schneiders da Silva

JORNAL DA UNIVERSIDADE
Publicação mensal da Secretaria de
Comunicação Social da UFRGS
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497
Email: jornal@ufrgs.br

Conselho Editorial
Ánia Chala, Cassiano Kuchenbecker Rosing,
Cida Golin, Luiz Carlos Pinto, Michéle Oberson,
Ricardo Schneiders da Silva, Rosa Maria Bueno
Fischer, Temístocles Américo Corrêa Cezar

Editora Ánia Chala
Subeditora Jacira Cabral da Silveira
Repórteres Ánia Chala, Everton Cardoso,
Jacira Cabral da Silveira e Samantha Klein
Projeto gráfico Juliano Bruni Pereira e
Kleiton Semensatto da Costa (Cadermo JU)
Diagramação Kleiton Semensatto da Costa
Fotografia Flávio Dutra (editor)
Revisão Antônio Falsetta
Bolsistas Gustavo Duarte Fagundes,
Júlia Corrêa, Manuela Martins Ramos e
Rafaela Pechansky (Jornalismo); Júnior Sérgio
Schneider (Relações Públicas)
Circulação Márcia Fumagalli
Fotolitos e impressão Gráfica da UFRGS
Tiragem 12 mil exemplares

/jornaluniversidade

Nota

Novo Conselho Editorial

Em 4 de junho, foram empossados pelo reitor Carlos Alexandre Netto e pelo vice Rui Vicente Oppermann os oito integrantes do novo conselho editorial do JU. O grupo se reúne mensalmente para discutir temas e enfoques abordados no Jornal da Universidade, ajudando a refletir criticamente sobre seu conteúdo e a planejar ações futuras. Integram o Conselho pelos próximos dois anos o coordenador Ricardo Schneiders da Silva, secretário de Comunicação; Ánia Chala, editora do JU; Cassilda Golin, professora da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação; Cassiano Kuchenbecker, docente da Faculdade de Odontologia; Luiz Carlos Pinto, diretor da Escola de Engenharia, Michéle Oberson, do Instituto de Química; Rosa Maria Bueno Fischer, da Faculdade de Educação; e Temístocles Américo Corrêa, representando o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

Correção

Na reportagem publicada na página 5 da edição de junho, sob o título “Maternidade extirpada”, houve um equívoco. Ao contrário do que informamos, Lilián Celiberti e Universindo Rodríguez Díaz não eram casados, mas sim companheiros de luta. Eles foram vítimas de sequestro organizado no âmbito da Operação Condor em Porto Alegre, em novembro de 1978, e militavam no Partido por la Victoria del Pueblo (PVP). Os filhos de Lilián, ambos nascidos no exílio, são fruto de sua união com Hugo de Casariego.

Artigo

O curso de Agronomia e a responsabilidade social e ambiental

Encontra-se em implantação na Escola de Ciências Agrárias e Ambientais (ECAA) da Universidade de Cabo Verde (Uni-CV) o primeiro curso de agronomia daquele país, denominado *Licenciatura em Agronomia Socioambiental*. Este curso é um dos resultados do conjunto de iniciativas institucionais que visa à integração Brasil-África e que teve início com apoio do edital Capes-África Ciências Sociais. A partir de 2009, o projeto envolveu o Departamento de Ciências Sociais e os programas de pós-graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e em Desenvolvimento Rural (PGDR) da Faculdade de Ciências Econômicas. O documento apoiou a criação e implantação do mestrado, e posteriormente do doutorado em Ciências Sociais da Uni-CV, promovendo missões de trabalho de docentes e pesquisadores para Cabo Verde.

A partir de 2010, o projeto elaborado pelo PGDR obteve apoio do Ministério do Desenvolvimento Agrário, mantendo o suporte aos dois cursos de pós-graduação em Ciências Sociais e ampliando a atuação da Universidade na área rural de Cabo Verde, com a criação do Núcleo Interdisciplinar de Investigação em Desenvolvimento Rural Sustentável, que abriga o Observatório de Políticas Públicas e deve acolher em breve também o Observatório de Segurança Alimentar e Nutricional, em articulação com o PGDR. Essa aproximação com o mundo rural do arquipélago e o reconhecimento das suas fragilidades em termos de produção agrícola, pre-

servação ambiental e equilíbrio social fizeram surgir a ideia de um curso de agronomia que pudesse se dedicar a esses temas. Nesse momento, foi lembrada a reconhecida experiência de reestruturação curricular para cursos de graduação por meio de métodos participativos da Faculdade de Agronomia da UFRGS, pelo seu Núcleo de Apoio Pedagógico (NAP), além de ter aprovado em 2009 um projeto curricular com características inovadoras.

Uma série de intercâmbios profissionais envolvendo o NAP, a Faculdade de Agronomia, o PGDR e a Escola de Ciências Agrárias e Ambientais se sucedeu, sempre com apoio do Ministério do Desenvolvimento Agrário, ao longo da qual foi desenvolvido e aprovado o projeto pedagógico para o curso de agronomia da ECAA. Ao buscar atender à realidade cabo-verdiana, o projeto associa a forte capacitação técnico-agronômica à responsabilidade ambiental e social, propondo um conteúdo voltado à realidade local, desenvolvido com participação dos alunos e de várias situações de integração e conexão com as questões locais. Em termos curriculares, contrapõe-se à tradicional sequência de aprendizagem teoria>teoria/prática>prática e propõe uma “inversão pedagógica” com a sequência problematização>teoria>projetos. Ou seja, o projeto busca integrar conteúdo, processo pedagógico e realidade, por meio de uma sequência em que o conteúdo formativo emerge da própria realidade do país e em que a aprendizagem responda o mais diretamente possível às necessidades de reafirmação

Memória da UFRGS

LUME/UFRGS



Década de 1900

Vista frontal do Instituto Astronômico e Meteorológico localizado no Câmpus Central, à Av. Oswaldo Aranha. O Instituto também conhecido como Instituto Coussirat Araújo fazia parte da Escola de Engenharia e funcionou como Seção de Astronomia.

ou transformação dessa própria realidade.

Para concretizar essas ideias básicas, o projeto se apoia em duas matrizes fundamentais: uma matriz epistemológica, fundada na noção de agronomia socioambiental, isto é, uma agronomia que integra necessariamente no seu corpo científico-técnico as dimensões sociais e naturais do meio rural e que reflete estudos e análises recentes que deixam clara a necessidade urgente de reconstituir as conexões entre sistemas científico-técnicos, sistemas sociais e sistemas naturais. Uma matriz curricular e de aprendizagem, construída não como listagem de disciplinas, e sim como organização das etapas de formação dos alunos em suas conexões com a realidade e com o conhecimento universal. Essa matriz de aprendizagem, por sua vez, é composta de duas grandes etapas: a Formação Curricular Comum e a Formação Curricular Diversificada, cada qual com composição e objetivos distintos.

No interior dessas formações, duas situações de integração e aplicação de conhecimentos e habilidades devem ser destacadas: os colóquios de reconhecimento e problematização do ambiente rural cabo-verdiano, com a apresentação escrita e oral, a discussão coletiva e qualificada de relatórios dos alunos, identificando, caracterizando e discutindo, agrônômica, social e ambientalmente, problemas rurais locais; os Seminários de Projetos Integrados de Desenvolvimento Sustentável, desenvolvidos pelos alunos para unidades de produção agrícola ou para unidades agroindustriais localizadas no

meio rural de Cabo Verde, realizando diagnósticos amplos e planejamentos sustentáveis para aquelas unidades. Na parte final, destaque-se o Ciclo de Educação Continuada e Especialização, a parte mais mutável do currículo e correspondente às disciplinas que representam os conhecimentos e habilidades em constante transformação e evolução devido aos avanços da pesquisa científica, ao desenvolvimento tecnológico e às transformações sociais.

Para apoiar a implantação deste curso, a Faculdade de Agronomia disputou e foi contemplada recentemente com recursos do Edital 33/Capes, que suporta projetos de mobilidade internacional entre países de língua portuguesa. Neste projeto serão deslocados professores, doutorandos e graduandos da UFRGS para a ECAA, visando à troca de experiências e ao apoio direto à implantação do curso. Além disso, a Universidade receberá professores, doutorandos, mestrandos e graduandos da Uni-CV.

Como destacado inicialmente, o curso está com seu 1.º semestre já em fase de conclusão, graças à dedicação da equipe gestora da ECAA e dos professores brasileiros que, mesmo antes da aprovação do Edital 33, não mediram esforços para deslocar-se e trabalhar neste novo projeto e neste novo espaço de atuação da UFRGS.

Fábio de Lima Beck

Professor do Núcleo de Apoio Pedagógico da Faculdade de Agronomia e do PPG em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas/UFRGS

Reconhecimento

Pioneiros homenageados



Durante as cerimônias de outorga dos títulos de Professor Emérito à Jorge Guimarães e Léa Fagundes, o reitor destacou a repercussão nacional e internacional do trabalho de ambos

O mês de junho foi marcado pela outorga do título de Professor Emérito a dois docentes, Léa Fagundes e Jorge Almeida Guimarães. Em ambas as cerimônias, o reitor Carlos Alexandre Netto ressaltou o pioneirismo dos homenageados em suas áreas de atuação e relacionou suas trajetórias à qualidade acadêmica da instituição, destacando a contribuição de cada um para a “construção da UFRGS de Classe Mundial”.

A educadora – Léa Fagundes, coordenadora do Laboratório de Estudos Cognitivos do Instituto de Psicologia (LEC), recebeu o título no dia 13, prestigiada por grande número de parentes, colegas professores e alunos. “Sua família biológica e sua família intelectual”, sintetizou Carlos Alexandre ao dirigir-se à homenageada, que aos 83 anos segue trabalhando no LEC e na coordenação de projetos e na orientação de pesquisas de mestrado e de doutorado nas áreas em que atua: aprendizagem, construção do conhecimento, desenvolvimento e Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs).

Formada em Pedagogia (1972) e Psicologia (1988) pela UFRGS, ela doutorou-se em Ciências-Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP/1986). Foi nesse contexto interdisciplinar que conheceu a obra de Jean Piaget. Essa descoberta viria marcar profundamente não apenas a sua trajetória pessoal como a de pesquisadora, mas também a de várias gerações de investigadores, seus futuros orientandos, quando em 1980 criou o Laboratório de Estudos Cognitivos no Instituto de Psicologia. Com um trabalho de repercussão nacional e internacional, Léa presta assessoria ao Ministério de Educação desde 1984, tendo coordenado regionalmente o projeto *Um computador por aluno* (UCA). Em 2009, passou a integrar o projeto *Amora*, que realiza estudos de reestruturação curricular para a incorporação de novas tecnologias ao ensino fundamental.

Durante a cerimônia, dispensando discurso escrito, Léa conversou com os presentes à Sala dos Conselhos do segundo andar da reitoria, prendendo a atenção de todos como se falasse a cada um. Ao agradecer as referências ao seu trabalho feitas pelo reitor e pelo pro-

fessor Marcus Vinicius de Azevedo Basso, a professora comentou: “Uma pessoa só faz algo porque interage com pessoas que são sábias, amorosas e, sobretudo, que querem aprender”. A seguir, nomeou alguns de seus orientandos presentes à cerimônia. Ao agradecer o apoio dos sete filhos e dos muitos netos, comentou com ironia: “Posso ser uma boa professora, mas sou uma péssima avó”, brincou. “E eles estão todos aqui com seus olhos vibrantes”, constatou agradecida.

O gestor – Pesquisador Sênior do CNPq Jorge Guimarães possui graduação em Medicina Veterinária pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e doutorou-se em Ciências Biológicas pela Escola Paulista de Medicina-Unifesp (1972). Desde 1997, atua como professor e pesquisador no Instituto de Biociências, e no último dia 19 de junho recebeu o título de Professor Emérito. “Aula magna”, foi como o reitor Carlos Alexandre definiu o discurso de Guimarães.

Ao ler a justificativa para a concessão do título, o professor Giancarlo Pasquali, coordenador do departamento de Biologia Molecular e Biotecnologia do Instituto de Biociências, comentou que, apesar de Jorge Guimarães confessar não ser filiado a nenhum partido político formal, é militante do “Partido do Ensino, da Ciência e Tecnologia”: “Por esse partido eu daria a minha vida!”, idealiza o professor. Tal empenho o levou a se destacar como gestor na promoção da ciência e da tecnologia, tendo exercido a presidência da Sociedade Brasileira de Bioquímica e Biologia Molecular por dois períodos. Além disso, desde 2004, preside a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Prestigiaram a outorga do título a Guimarães autoridades como o secretário de estado da Ciência, Inovação e Desenvolvimento Tecnológico, Cleber Cristiano Prodanov, e a presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (Fapergs), Nadya Pesce da Silveira. Pesquisador do CNPq e membro titular da Academia Brasileira de Ciências (ABC), o professor da UFRGS já recebeu diversos prêmios e títulos nacionais e internacionais, como a Grã-Cruz da Ordem do Mérito Científico Nacional, obtido em 2006.

Em seu discurso de agradecimento, Guimarães prestou homenagem ao seu orientador Fernando B. Ubatuba, da Universidade Rural do Brasil, hoje UFRJ: “Se eu não tivesse conhecido o professor Ubatuba no curso de Medicina Veterinária, com certeza não seria a pessoa que sou hoje”. Citando o caso “peculiar” da educação no Brasil, onde existem 14 milhões de analfabetos totais, e uma fragilizada educação básica, frisou a responsabilidade das universidades públicas de “mudar esse quadro”. Por outro lado, destacou o crescimento da pós-graduação brasileira, que hoje compreende 30 mil grupos de pesquisa em atuação nas universidades.

Com relação à sua contribuição à UFRGS, Pasquali destacou três realizações de Guimarães: a concepção e fundação do Programa de Pós-graduação em Genética e Biologia Molecular (PPGBMC), hoje com mais de 262 mestres formados e 144 doutores; a recuperação do Centro de Biotecnologia (CBiot), após um incêndio em 2003; e a criação da incubadora tecnológica do CBiot. Na presidência da Capes, dois dos projetos atuais de grande projeção são o Portal de Periódicos Capes e o Programa Ciência Sem Fronteiras. “Em 2010, tínhamos cinco mil bolsistas no exterior, hoje, com o Ciência Sem Fronteiras, são 40 mil estudantes”, orgulha-se.



Conhecendo a UFRGS

Aprendizado e prática em fundição

O Laboratório de Fundição (Lafun) da UFRGS é vinculado ao curso de Engenharia Metalúrgica e realiza pesquisas nas áreas de processos de fundição, modelagem numérica, solidificação, desenvolvimento e caracterização de ligas ferrosas e não ferrosas. O setor foi criado em 1976 pelo professor Arno Müller e tem por objetivo o atendimento aos alunos da graduação e da pós-graduação e a prestação de serviços a empresas.

Entre as atividades promovidas pelo laboratório estão as aulas práticas aos estudantes de Engenharia e o auxílio aos alunos de mestrado e de doutorado. O estudante de mestrado Patrícia Damasseno acredita que a grande contribuição do local está em aliar o conhecimento acadêmico à prática da indústria. “Tudo o que nós aprendemos na academia colocamos em prática no laboratório.” Para o engenheiro do Lafun, Carlos Frick Ferreira, o espaço permite que os alunos vivenciem experiências que encontrarão nas fábricas. “É nossa preocupação trabalhar diretamente com problemas de chão de fábrica, problemas que estão acontecendo no dia a dia das empresas.”

Para as empresas, são oferecidos os serviços de assessoria e treinamento, promovendo a troca de informações e ideias, a busca por soluções para viabilizar a produção e a implementação de novas técnicas de fundição. Além disso, também são promovidos cursos de extensão que visam qualificar alunos e profissionais da área de fundição.

Regis Amaral, laboratorista, diz que o Lafun tem uma importância ainda maior. “Nós estamos devolvendo à sociedade e, ao mesmo tempo, ao parque de fundição metalúrgico do Rio Grande do Sul e do país uma tecnologia melhor, mais limpa e mais eficaz para a fabricação de produtos metalúrgicos.” Apesar de haver pesquisas puramente teóricas, o foco do laboratório está na pesquisa aplicada. São desenvolvidas, então, ferramentas, em particular da área da fundição, que simulam a solidificação, fornecem dados quantitativos e permitem a melhoria dos processos, por exemplo, quanto à produção de peças especiais ou ligas não convencionais.

Bruna Konrath, estudante do 8.º semestre de Jornalismo na Fabico

Assista aos programas

Para conhecer melhor o Laboratório de Fundição, assista ao programa **Conhecendo a UFRGS** que vai ao ar no dia 9 de julho, às 20h, com reprise às 23h, na UNIVTV, canal 15 da NET POA.

Formação

Primeiro indígena mestre

Zaqueu Key Claudino, Jópry em kaingang (foto), é o primeiro indígena a receber o título de mestre pela UFRGS. A defesa ocorreu no dia 20 de junho, na Faculdade de Educação, quando expôs o tema de sua pesquisa iniciada em 2011: *Como acontece a formação da pessoa indígena nos pressupostos da tradição: educação indígena kaingang*.

Formado em Pedagogia pela Ulbra em 2008, Zaqueu foi aprovado em um concurso para a Secretaria de Educação do Estado em 2005, assumindo como professor na escola indígena da aldeia kaingang da Lomba do Pinheiro. Em 2010, após concluir o curso de especialização Projeja da Faced (Educação Profissional e Ensino Tecnológico), foi convidado pela coordenação do curso a elaborar o Projeja Indígena, no qual ministrou a disciplina *Currículo e História de Vida*.

Antes da defesa de dissertação, o cacique Waldomiro Vergueiro, da aldeia do Morro do Osso, coordenou o Ritual da Conquista, dança kaingang praticada em momentos de comemoração, originariamente utilizada por ocasião de vitórias em batalhas. Existem hoje em todo o estado 34 mil indígenas kaingang, cultura majoritária entre os estudantes cotistas da UFRGS nos cursos de graduação. Zaqueu resalta a importância de seu título de mestrado para toda a sua comunidade e diz já estar se preparando para o doutorado também em Educação e, preferencialmente, na Faced.





Em Porto Alegre, grupos têm se manifestado em defesa do uso coletivo do espaço público e contra o privilégio dado ao automóvel

Ainda há tempo: por uma Copa com calçadas e bicicletas

Eber Pires Marzulo*

Em madrugada já fria no final de maio, barracas de jovens estudantes em vigília protegendo árvores ameaçadas de corte pela prefeitura municipal para construir mais pistas em avenida central são abruptamente abertas pela Polícia Militar. Muitos dos ocupantes foram arbitrariamente presos. Essa foi a forma que os poderes públicos municipal e estadual encontraram para enfrentar os protestos de estudantes. Na tradição do Estado Moderno, os jovens estavam defendendo o que é público e, logo, no exercício de seus direitos como cidadãos. Trata-se, então, de um caso de Justiça e não de Estado. O direito à resistência é um princípio do Estado democrático que extrapola os limites do Estado de Direito.

As manifestações recentes em Porto Alegre têm como centro o debate sobre o espaço público. Um dos primeiros levantamentos teve como protagonistas jovens estudantes que agiram contra a decisão da prefeitura de cortar árvores para aumentar a quantidade de pistas em avenida da orla do Guaíba na região central da cidade. Foram dias de protesto e acampamento, repetindo a tática utilizada nos últimos anos em diferentes pontos do planeta em movimentos cuja pauta foi a crise financeira internacional, como no *Occupy* nos EUA e como nos *Indignados* na Espanha, passando pelas lutas democráticas no norte da África, em especial na Praça Tahrir, no Egito, até as lutas ainda em curso em Istambul na Praça Taksim. Os combates políticos na Praça Taksim têm particular semelhança com os de Porto Alegre, por aqueles se tratarem, em seu princípio, segundo a imprensa internacional, de protestos contra a tentativa do governo turco de privatizar parte da Praça.

Os protestos na capital gaúcha, desde 2011, têm se caracterizado pela defesa do uso coletivo do espaço público e contra o privilégio dado ao automóvel. Em manifestações locais organizadas por rede de vizinhos contra a implantação de viadutos; nos protestos na região central contra o aumento das tarifas do transporte público; nas manifestações contra a liberação do Largo Glênio Peres, defronte ao Mercado Central, para utilização como estacio-

namento – Largo Vivo; nos atos contra a colocação de ícones de companhia patrocinadora da Copa do Mundo em locais públicos; no fechamento de vias com uso de bicicletas – conhecido como Massa Crítica; na ocupação de vagas para estacionamento com atividades culturais – Vaga Viva; e no acampamento em parque público contra o corte de árvores para a duplicação de avenida. Saliente-se a conexão difusa entre ações de caráter internacional, como o Massa Crítica e o Vaga Viva. Vistas em seu conjunto, as manifestações apontam nitidamente para a emergência de uma consciência civil em defesa do espaço público e contrária à priorização dada pelas ações públicas aos interesses privados.

Há algo de particularmente relevante nos protestos do ponto de vista do Planejamento Urbano, pois ao mesmo tempo que explicitam a inexistência de debates públicos sobre as decisões do governo municipal, o que intervêm diretamente na vida cotidiana da população da cidade e da região metropolitana, alinham-se às políticas públicas urbanas desenvolvidas nas capitais democráticas do mundo ocidental. Se o primeiro aspecto demonstra um grave retrocesso na experiência de democracia participativa que inseriu Porto Alegre como referência mundial, o segundo coloca nossos gestores públicos na retaguarda do que vem se estabelecendo desde os anos 90 como consenso em termos de políticas públicas de mobilidade, isto é, a priorização do transporte público confortável, do transporte individual não motorizado ou ciclomotorizado e do deslocamento a pé. Mas nem tudo sem perdas. Nossas mobilizações estão sintonizadas com a contestação mundial e com o sentido das intervenções urbanas mais recentes nas principais cidades do mundo.

Anacrônico seria uma palavra gentil para nomear o que significa, no presente, investir no aumento de pistas para automóveis, em viadutos e na construção de estacionamentos. Mais ainda em áreas centrais. Anacrônico, pois o esgotamento do modelo de deslocamento intraurbano e metropolitano baseado no automóvel é um consenso. Seja do ponto de vista estrito da mobilidade, seja como postura ambiental, o momento em todo o mundo é de expansão e qualificação do transporte público de massa hierar-

quizado e associado a outras formas de movimento nas cidades e metrópoles.

O que vemos, nas ações voltadas à Copa, é uma inversão. Fora os BRTs, que ocuparão em sua maioria os antigos corredores de ônibus, modernização necessária mas absolutamente insuficiente, não se tem nada de relevante para a melhoria do sistema público de transporte de massa, em particular do trem metropolitano. Ciclovias andam a passo de tartaruga e calçadas, nas quais caminhar é uma aventura de risco para joelhos e tornozelos, têm investimento zero. Os recursos públicos são gastos em obras viárias para o automóvel, projetando-se uma cidade com largas pistas, muitos novos viadutos, edifícios-garagem no centro e área pericentral e vias cada vez mais engarrafadas. Cada pista a mais, cada estacionamento a mais absorverá mais carros, aumentando o tempo de viagem e prejudicando todo o fluxo, inclusive do transporte público. Além disso, a política de preços para o uso do transporte público é inibidora de seu consumo para as populações mais pobres. A manutenção, ainda nos dias de hoje, de tarifas por trecho é vergonhosa. Os cálculos estão prontos há anos nas principais capitais do mundo ocidental sobre como viabilizar o valor do deslocamento por passageiro-dia, e não por viagem.

Perde-se oportunidade ímpar. O caso mais agudo é o da falta de investimento na melhoria das calçadas. A legislação que imputa aos proprietários a responsabilidade não faz sentido. Nada mais público, pois de uso e acesso comuns, do que as calçadas de nossas cidades. Todavia, não bastasse o descompromisso do poder público municipal em sua manutenção e melhoria, este ainda a preenche com inúmeros obstáculos, como placas de sinalização, pontos de ônibus e lotação, e postes para a fiação de cabos de forma completamente irracional. Andar caminhando na cidade é um risco, mesmo sem atravessar as ruas pensadas apenas para os carros. A saída seria simples: racionalizar a distribuição das paradas juntamente às placas de sinalização. A fiação infernal e de risco pendurada em postes deveria estar há muito enterrada. Teríamos – com pouco investimento, comparado aos custos das obras voltadas às melhorias para a circulação de automóveis – uma

cidade mais agradável para se andar a pé, de bicicleta ou afins e para usar o transporte público. Se levarmos em conta que tais melhorias tendem a ter perenidade e o aumento da capacidade das vias para os automóveis tende a se esgotar rapidamente, vide o exemplo local da Terceira Perimetral, os custos de tais investimentos seriam ainda menores. Lembremos que, enquanto o crescimento da população de Porto Alegre diminui, o número de carros aumenta exponencialmente.

Assistir à Copa ou a qualquer grande partida de futebol na cidade ficaria muito mais agradável com transporte público acessível e de qualidade. O torcedor poderia, por exemplo, ir de trem ou BRT até uma estação de aluguel de bicicletas, tomar uma ciclovie e, no final, deixar o veículo em outra estação para seguir por alamedas para pedestres, cantando e conversando com aquele estranho ao lado com o qual naquele momento comunga da mais profunda identidade: o amor pelo futebol.

Ainda dá tempo. Em lugar de fazer estacionamentos, pistas e viadutos para mais automóveis nas cercanias de nossos estádios, se devem construir grandes esplanadas para deslocamento a pé, um sistema de transporte coletivo barato e confortável, articulado às estações de bicicletas e às próprias esplanadas para caminhar. Com estacionamentos distantes e também articulados às esplanadas e ciclovias. Sem engarrafamento, sem disputa e estresse entre pedestres e motoristas, sem caminhadas pelo meio das ruas, desviando das calçadas estreitas e malconservadas.

A cena final utópica: a torcida andando por grandes calçadas livres de obstáculos, cantando as cores de seu clube ou seleção de preferência, comprando amendoim, pipoca, churrasquinho, cachorro-quente e a cerveja mais gelada ou de sua preferência ao longo do caminho ao qual chegou de bicicleta, BRT ou micro-ônibus. E na volta, ainda mais comemoração, festejando a vitória de seu time – sem preocupação com o trânsito.

* Professor do Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional (Propur) da Faculdade de Arquitetura da UFRGS



Interesses em confronto

Debate

Especialistas discutem os rumos dos protestos que tomaram as ruas do país

Ânia Chala

Colaborou: Everton Cardoso

Reunidos em um encontro promovido pelo Instituto Latino-americano de Estudos Avançados (ILEA) no último dia 27 de junho, um grupo de pesquisadores da Universidade debateu as origens e os possíveis rumos da onda de protestos que vem agitando o Brasil. O evento foi acompanhado pelo Jornal da Universidade e contou com a participação dos professores Arlei Damo, da Antropologia Social, André Marengo, da Ciência Política, Antônio David Cattani, José Vicente Tavares dos Santos, Marcelo Kunrath Silva e Soraya Vargas Cortes, da Sociologia, e Sérgio Bampi, da Informática. Também participou a estudante do Programa de Pós-graduação em Sociologia Mariana Chies Santiago, que trabalha no Serviço de Assessoria Jurídica Universitária (SAJU) setor que vem acompanhando as manifestações e defendendo as vítimas de prisões ilegais pelas forças policiais. Mariana também leu uma nota do Bloco de Lutas pelo Transporte 100% Público, pela qual o grupo reivindicou, entre outros pontos, a implantação imediata do passe livre para estudantes, idosos e desempregados.

Movimento não unificado – O professor Marcelo Kunrath Silva, cujo grupo de pesquisa vem acompanhando os protestos e realizando entrevistas com os manifestantes, deu início à discussão afirmando que não existe um movimento unificado. “A leitura até agora feita pelos meios de comunicação é equivocada. Temos um ciclo de protestos no qual coexistem processos de protesto articulados que se influenciam mutuamente, mas que não são constitutivos de um movimento social.” Marcelo salientou ser possível observar que as manifestações têm profundas diferenças internas em termos de origem social, de pauta, de filiação ideológica, de vinculações organizativas, de repertórios de ação, etc.

Lembrando que nossa capital foi uma das iniciadoras do ciclo de protestos, ele destacou o momento em que essas manifestações se expandem: “Tudo começa a ganhar corpo em janeiro e fevereiro deste ano, quando uma série de organizações da cidade se articula em torno do aumento das tarifas de ônibus. Essa pauta congrega desde grupos anarquistas, grupos de esquerda com diferentes filiações ideológicas, partidos políticos e organizações estudantis. A vitória na redução do preço das passagens torna-se então um disparador desse ciclo em nível nacional”. Contudo, para o professor, os protestos ganham visibilidade a partir de uma virada ocorrida entre os dias 16 e 18 de junho, quando os meios de comunicação deixam de criminalizá-los e passam a se colocar ao lado de um “movimento dos cidadãos de bem”. Tal mudança trouxe para as ruas novos segmentos da sociedade, com destaque para setores da classe média, que se identificam com o tema do combate à corrupção, ao mesmo tempo que introduzem outras demandas que não faziam parte da pauta original, como redução de impostos, fim da impunidade, etc.

Na visão do sociólogo, o ciclo de protestos coloca-se como uma grande incógnita em termos políticos, por se apresentar como um processo em disputa por

diversos segmentos políticos, que tentam definir qual o seu significado e intencionalidade. “O resultado vai depender, de um lado, da própria força e capacidade dos agentes sociais e políticos envolvidos de imporem uma direção ao movimento. De outro, dependerá também das repostas dos governos federal, estaduais e municipais a esse processo. Como está nas ruas o que há de mais avançado e de mais retrógrado na sociedade brasileira em termos políticos, temos tanto motivos para ficarmos esperançosos de um aprofundamento da democracia e da igualdade no país quanto motivos para ficarmos receosos de um retrocesso autoritário e conservador”, concluiu.

Bandeiras ocultas – Na sequência, o professor André Marengo argumentou que sua análise era um pouco mais pessimista. “Quero lembrar que o que sensibiliza as classes médias, no Brasil e no mundo, é a questão tributária. O sujeito acha que paga muito imposto, e paga, e que o seu imposto não tem uma contrapartida em termos da qualidade dos serviços públicos. Pior ainda, esse dinheiro termina nas mãos de outros que o usufruem, no caso, os políticos e os pobres”, sentenciou. O cientista político observou que há uma forte convergência em torno da percepção segundo a qual o Estado é mau e quanto menos Estado, melhor. “Esse é o elemento que explica a ausência de bandeiras por parte da classe média nesses protestos: ela não as tem porque não pode dizer qual é a sua bandeira. Porque, em um país com o nível de desigualdade que tem o Brasil, não se pode dizer de forma tão clara o que em outros contextos já foi dito.”

Citando as ideias do economista Albert Hirschman, segundo as quais cada onda de expansão da cidadania foi seguida de fortes reações, André mencionou a responsabilidade do governo pelo que está ocorrendo no país. “A agenda do PT avançou muito nos últimos 10 anos no terreno das políticas redistributivas, produzindo um efeito notável em um curto espaço de tempo. Porém, no terreno institucional, a agenda do partido foi um fracasso.” Na visão do cientista político, as instituições públicas brasileiras, que sempre foram extremamente pouco responsivas para os cidadãos, continuam do mesmo jeito. E tudo o que o governo do PT conseguiu apresentar foi

uma proposta de reforma política, cuja melhor definição é a oligarquia. Para André, não é razoável que, em um contexto no qual a sociedade se manifesta indo às ruas reclamar dos serviços precários, o governo responda com uma proposta de reforma política para introduzir eleições por lista fechada e financiamento público de campanha.

Descrença na política – Entre os atores sociais que tomam parte desse movimento, está uma juventude que demonstra uma insatisfação bastante marcada em relação às instituições de representação política do país. O professor José Vicente Tavares dos Santos vislumbra nessas manifestações um clamor pelo aumento da cidadania e uma indignação dessas pessoas por não se sentirem ouvidas no âmbito da política. Essa descrença generalizada da juventude nos partidos políticos tem, então, duas consequências essenciais com vistas à criação de uma sensação de pertencimento em relação à política: “De um lado, esses jovens terão de aprender que é preciso participar da política. De outro, os partidos também terão de se reinventar e aprender a se articular com outras instâncias não organizadas”. Em sua análise, fez uma distinção entre os grupos mais violentos: alguns que têm por objetivo o crime; e os que depredam como forma de protesto. E, sobre estes últimos, propôs uma reflexão mais profunda: “Por que eles estão quebrando tudo? Não seria um pedido de ajuda, por meio da violência, para expressar um sentimento de exclusão social?”. José Vicente apontou as instituições públicas de ensino superior como lugares privilegiados para discussões sobre o tema: “O papel da Universidade tem sido o de organizar os termos do debate, inserir a historicidade nos vários movimentos e estabelecer comparações com outras sociedades, ou seja, utilizar instrumentos conceituais e teóricos para organizar as discussões.”

Arlei Damo, docente do Pós-graduação em Antropologia Social, acredita que os protestos tendem a arrefecer com o passar do tempo. “Mas eles irão seguir por outras vias e têm tudo para ser retomados a qualquer momento”, explicita. “Será preciso”, adverte, “muita habilidade política de parte a parte para que o movimento não seja inócuo – frustrando quem saiu às ruas de peito

aberto – ou capturado por oportunistas da oposição, que estão submergindo lentamente”. Conforme Arlei, do ponto de vista da política governamental, esses protestos trouxeram o posicionamento do atual governo federal. “Mesmo tendo à frente partidos identificados com as causas progressistas, o que vimos nos últimos anos foram concessões ao centro e ao conservadorismo em nome da governabilidade”, pondera. O pesquisador completou acrescentando que o suporte da sociedade civil é fundamental, mesmo em um Estado democraticamente legitimado: “Do contrário, o governo fica refém de grupos políticos conservadores que estão no Congresso, na mídia, em entidades que expressam o pensamento dos grandes capitalistas e, claro, no próprio governo”.

Mesmo nas democracias, o suporte da sociedade civil é fundamental

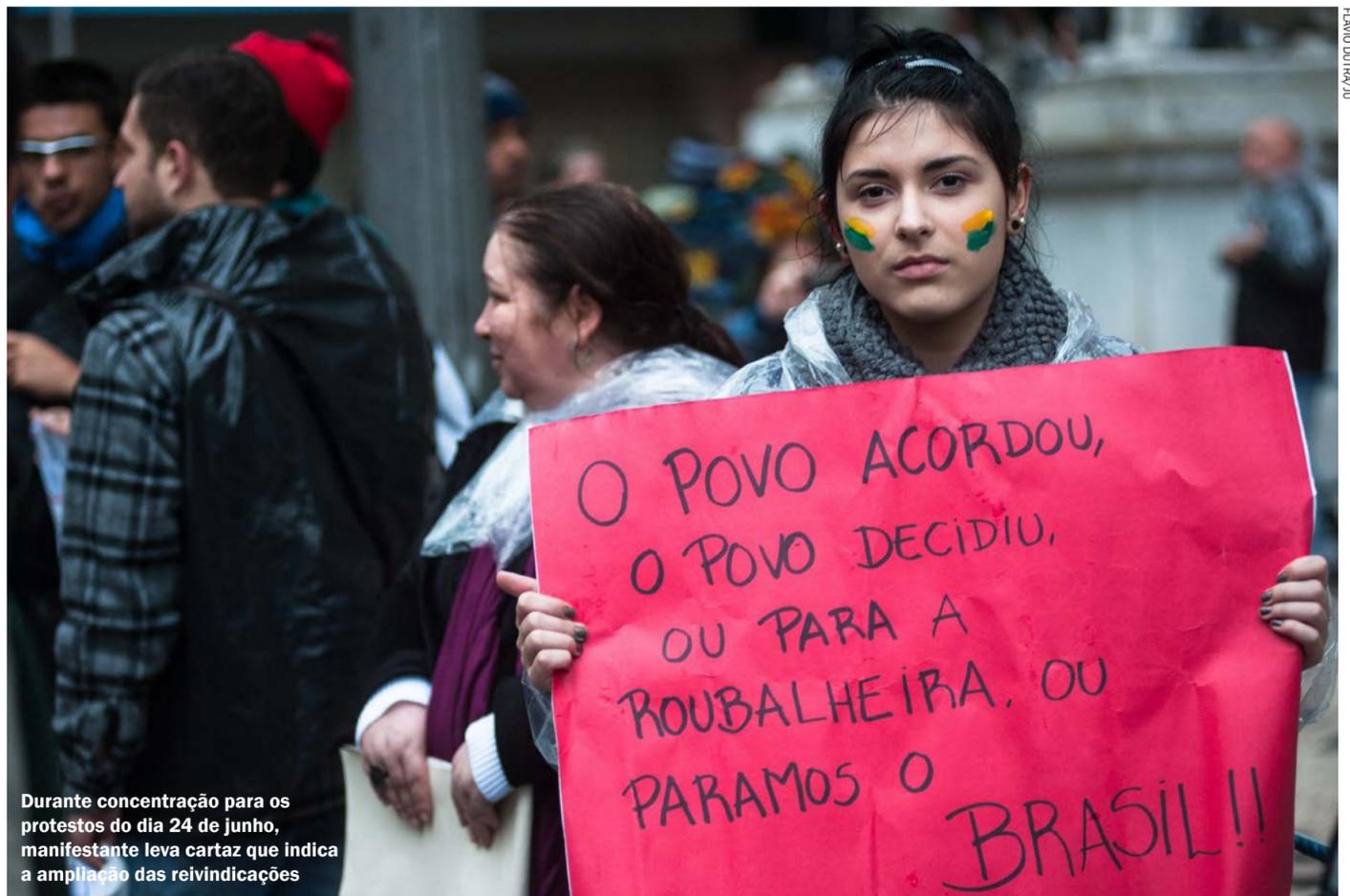
O discurso do empresariado – O também professor do Departamento de Sociologia Antônio David Cattani apontou que o “mainstream econômico” não considera as motivações e a natureza dos protestos. “Os porta-vozes do grande capital simplesmente se referem a eles para extrair argumentos para reforçar a litania neoliberal: a carga tributária é muito alta!, chega de tantos impostos!, o governo é ineficiente!”, aclara. Ao repetirem as demandas consideradas responsabilidades do Estado, tendem a colocar o grande empresariado como modelo de eficiência e competência, isentando-o pelas desigualdades socioeconômicas.

Como contraponto, o docente analisa que a carga tributária brasileira não é alta, mas injustamente distribuída entre os cidadãos. “Os mais pobres pagam proporcionalmente muito mais”, afirma. Além disso, ele percebe um discurso que desqualifica o funcionalismo público, como se fossem os únicos responsáveis pela corrupção ou os mais ineficientes.

“As empresas brasileiras são as que menos investem em ciência e tecnologia”, criticou para refutar essas concepções.

Poder na rede – Na opinião do professor Sérgio Bampi, está claro que todos os movimentos ocorridos de 2008 para cá são tocados por uma geração de “filhos da rede”, capaz de se mobilizar mediada pelos meios eletrônicos. “E a rede social só pôde sair às ruas para fazer história em tempo real, porque a tecnologia ficou muito barata”, destacou. Para ele, o estado brasileiro e todos os outros estados do mundo serão radicalmente pressionados, se não estiverem exercendo o poder na rede. “E se o estado brasileiro não quiser colocar o poder na rede, ele não será capaz de responder às reivindicações da população no próximo ano e nem daqui a cinco anos, não importa que partido esteja no poder.” Sérgio entende que os jovens estão nas ruas pedindo por democracia direta. Nesse sentido, um plebiscito seria apenas um arremedo diante do que poderá vir por aí graças ao desenvolvimento da comunicação via rede. “Poder é relação e só pode ser definido como uma coisa relacional. E a internet está dando demonstração de que se pode, sim, mobilizar milhares de pessoas em função de uma emergência. Portanto, o que se precisa é trazer os agentes do poder para a rede”, argumenta.

A professora Soraya Vargas Cortes enumerou os fatores que estão por trás da erupção dos protestos. Primeiro, a crise de representação das democracias liberais do ponto de vista da sociedade, já que os partidos e outras organizações sociais perderam a capacidade de aglutinar demandas da maioria da população. Depois, há a própria crise da organização estatal, uma vez que o modelo de estado com centro decisório estabelecido não é mais capaz de expressar como são construídas as decisões nas sociedades contemporâneas. Por último, as formas de organização e mobilização não precisam mais do ambiente físico das organizações tradicionais. “Mas o que temos de novo no cenário mundial é a emergência de uma nova classe média do sul, que ainda é vista por alguns setores apenas como uma nova classe consumidora. Ocorre que essas pessoas não querem só comprar o novo telefone celular e tirar fotografias de suas famílias, elas querem participar politicamente”, concluiu.



Durante concentração para os protestos do dia 24 de junho, manifestante leva cartaz que indica a ampliação das reivindicações



Engenheiros atletas

Esporte universitário

Estudantes de Engenharia mantêm Associação Atlética para a disputa de campeonatos

O Centro dos Estudantes Universitários de Engenharia (CEUE) da UFRGS surgiu em 1903 a favor do esporte. Como o centro estudantil mais antigo do país, organizava competições esportivas com outras universidades. Porém, na década de 70, a parte esportiva do CEUE foi extinta. No ano passado, Bernardo Bortoluzzi, aluno do sexto semestre de Engenharia de Produção, assumiu com seus colegas o Centro, criando a Associação Atlética Acadêmica da Escola da Engenharia da UFRGS. A entidade foi criada para que as Engenharias pudessem retomar as atividades esportivas e participassem de competições. Vice-presidente do Centro, Bernardo explica que “nos cursos há campeonatos internos exclusivos, mas não se participava de nenhuma competição externa. A Atlética representa e reúne todas as engenharias”.

Os times são organizados a partir da escolha de um técnico, que pode ser um aluno voluntário da Escola de Educação Física ou um técnico que treine os times da ESEF. Cada modalidade tem um aluno da Engenharia como coordenador, que fica responsável por agendar os treinos e entrar em contato com os atletas. As equipes treinam em ginásios e quadras alugadas, como o Ginásio Municipal Osmar Fortes Barcellos, mais conhecido como Tesourinha, e nas instalações esportivas dos colégios Rosário e Bom Conselho. Os materiais são fornecidos pelo próprio CEUE, que compra os equipamentos e manda confeccionar os uniformes. A arrecadação para cobrir os custos provém da venda de produtos, como abadás, mantas e canecas, e da realização de festas e dos próprios eventos. A Associação mantém um bom relacionamento com a diretoria da Escola, tanto que nos dias de competição os professores não realizam provas e abonam faltas para os atletas que estão participando. As viagens são pagas pelos participantes e incluem alimentação e transporte. Bernardo relata que “nas primeiras seleções, tivemos 600 alunos inscritos que desejavam se tornar atletas. Neste ano, tivemos um número bem

próximo. Estamos melhorando o nível”. Everton Spader, estudante do nono semestre da Engenharia Elétrica, acrescenta que “as pessoas sempre vêm perguntar sobre a Atlética, até mais do que a gente espera. Tem gente bem pilhada”.

Os atletas da AAEE participaram de três campeonatos em 2012: a *Engenhariadas Paranaense*, o *Universipraia* e o *Campeonato Municipal de Basquete Masculino*. No *Municipal*, a equipe da UFRGS foi campeã da segunda divisão, garantindo o acesso à elite no torneio deste ano. Na *Engenhariadas*, para a qual foram convidados a participar junto com outros centros acadêmicos e faculdades do sul do país, conquistaram o sétimo lugar geral de 24 atléticas. A *Engenhariadas* têm como modalidades esportivas basquete, futsal, xadrez, handebol, vôlei, natação, tênis de mesa, judô, futebol de campo, atletismo, vôlei de areia, tênis, nas categorias femininas e masculinas, reunindo mais de 3 mil pessoas.

Na *Engenhariadas* deste ano, ocorrida de 30 de maio a 2 de junho, a Atlética levou 212 estudantes com equipes para todas as modalidades, exceto futebol de campo, que contou

apenas com um time masculino. A Associação alcançou sua melhor colocação, ficando em segundo lugar na classificação geral. Bernardo conta que “a gente se hospeda em alojamentos nas escolas estaduais ou municipais. Desta vez, tivemos um alojamento só para a nossa delegação. Os jogos foram realizados em diferentes ginásios da cidade, e a diretoria da Atlética estava inteira para coordenar o grupo”. Everton relata que neste ano as equipes da UFRGS conseguiram ficar na primeira divisão devido ao desempenho do ano passado.

Antes de engenheiros, atletas – Eduardo Tannhauser, aluno do sexto semestre da Engenharia Mecânica, acredita que “a iniciativa é indispensável ao crescimento do aluno, pois ele precisa praticar um esporte para não ficar o tempo todo estudando. Para mim, foi muito benéfico participar porque consegui ficar mais a par dos assuntos da faculdade”. Vice-campeão do ano passado com o time de futebol de campo e treinador do time de futsal masculino, Eduardo explica que participar da coordenação do Centro Estudantil da Engenharia Mecânica foi uma das vantagens resultantes da

participação na Atlética. “Foi muito bom para meu crescimento profissional e pessoal.” Para ele, os estudantes da Engenharia têm uma característica em comum: “Somos bastante competitivos e entramos para ganhar. O clima da *Engenhariadas* é de muita competição, tem muita torcida. O evento possui uma tradição que se reflete dentro de campo”. Mas, conforme o atleta, os alunos que vão para torcer também são muito importantes. “Quanto maior a torcida, maior a motivação dos competidores.”

Na opinião de Patrícia Servat, estudante do quinto semestre da Engenharia de Alimentos, “é muito bom que exista a Atlética, porque não havia competição entre os diferentes cursos da Escola de Engenharia. Eu já competia pela UFRGS, mas tem muita gente que pratica esporte e não tinha por onde competir. Ficar só estudando cansa”, brinca a aluna. Em 2013, Patrícia foi campeã no arremesso de peso e conquistou o segundo lugar nos 200 metros rasos e no revezamento 4 por 100 metros.

Manuela Martins Ramos, estudante do 4.º semestre de Jornalismo da Fabico

Continuidade

Pelo fato de a AAEE ser vinculada ao Centro Estudantil, pode haver um problema na próxima eleição. Caso a chapa eleita para o CEUE não queira continuar com a Atlética, ela ficará sem um responsável. Bernardo explica que “ainda não sabemos se devemos mantê-la vinculada ao Centro Acadêmico ou se a separamos, pois existe essa preocupação da continuidade”. Uma das propostas é a criação de um conselho apenas para a AAEE, isso porque, segundo o vice-presidente do CEUE Bernardo Bortoluzzi, “este é um movimento que está crescendo no Rio Grande do Sul. Antes só havia a Atlética da Medicina, que participa do *Intermed* – um campeonato exclusivo para os atletas da Medicina”. Ele conta animado que, no mês passado, quatro diretórios acadêmicos da UFRGS entraram em contato com eles para a concepção de outras atléticas.



A equipe de futebol da Associação Atlética ficou em segundo lugar na *Engenhariadas Paranaense*

LEONARDO OCEGINHA/CEUE/CEUE PESSOAL

Dois-pontos

Antônio Falcetta, revisor
antonio.falcetta@secom.ufrgs.br

► A ficção da ficção

O ofício de revisor parece tarefa pouco produtiva, mas não isenta de complexidade. Raimundo Silva, por exemplo, teria uma vida definitivamente medíocre – não fosse o roubo que o fez pôr um “não” no texto que revisava – no trecho sobre a participação dos cruzados na luta contra os mouros em Portugal. E essa atitude resulta em outro trecho, outra versão da história. É o que se passa no livro de Saramago *História do Cerco de Lisboa*. Ficção? Por certo, mas quem garante, afinal, que a ficção está descolada da realidade? E os textos não nos colocam sentidos, pensamentos que podem, por que não, ser confrontados com os de um... revisor?

os livros estão aqui, como uma galáxia pulsante, e as palavras, dentro deles, são outra poeira cósmica flutuando, à espera do olhar que as irá fixar num sentido ou nelas procurará o sentido novo, porque assim como vão variando as explicações do universo, também a sentença que antes parecera imutável para todo o sempre oferece subitamente outra interpretação, a possibilidade duma contradição latente, a evidência do seu erro próprio, anota o narrador do livro de Saramago. E assim, na posição de coadjuvante de textos alheios, resta ao revisor o poder de provocar pequenas alterações nos textos que não são seus. Por exemplo, substituir uma conjunção conservadora aqui, fazer uma alteração na ordem dos termos ali, que fazem com que o texto ganhe sutilmente outro

contorno, pois como não há sentido isento de outros sentidos, não há emendas imparciais. O álbi: a clareza. Sim, estamos fazendo uma ficção sobre ficção. Mas cuidado com os revisores!

► A arte de desescrever

Os estilos dos fazeres seguem o fluxo dos tempos. Assim, hoje, dada a premissa da pressa, o que rege as ações é a velocidade dos bits. Certo, acho que estamos diante de uma nova episteme. Mas produzir textos acadêmicos ainda é tarefa prolixa. Por isso pensou-se em pautar, em rápida pincelada, a *concisão*. Relacionados ao aspecto da insuficiência da língua, que não dá conta do que se pensa

e sente, são recorrentes os problemas de redundância, do uso de construções circulares, do excesso de palavras – daí a necessidade do exercício de retrabalhar, suprimindo, cortando o texto, cuja finalidade é a objetividade. A arte de escrever, portanto, prescinde da arte de desescrever. Feita, primeiramente, a catarse, realizado o movimento de despejar, volta-se ao texto para se verificar se tudo o que está ali é necessário. E a tarefa é reler, retirando-se o que tergiversa, o que, pelo demais, dificulta a compreensão. Observando originais de Erico Verissimo, desmitifiquei o que considerava apenas genialidade. Mesmo alguém que viva da escrita passa pela releitura e pela limpeza do texto. No escrever há, portanto, o reescrever, o alterar e, muito importante, o riscar.



35 anos de pesquisa e extensão

Além do Museu de Ciências Naturais, que recebe visitação de escolas durante todo o ano, o Centro dispõe de um Setor de Coleções e de um Laboratório de Análise de Águas, Sedimentos e Peixes

Ceclimar

Criado em 1978, o Centro se mantém como órgão auxiliar da UFRGS no litoral norte do estado

Quem visita o Ceclimar pela primeira vez se surpreende ao saber que naquelas instalações cercadas pela natureza funciona, há mais de três décadas, um centro de pesquisa e extensão da Universidade. A calma que paira por lá é estranha para quem vive a rotina turbulenta dos câmpus de Porto Alegre. Principalmente durante o ano, quando os veranistas do litoral devolvem a Imbé o sossego que lhe é característico.

Neste ano, o Centro de Estudos Costeiro, Limnológicos e Marinhos completa 35 anos. Tudo começou em 1978, após a aprovação do projeto do professor emérito Irajá Damiani Pinto que propunha instalar um núcleo de auxílio às atividades da Universidade no litoral norte do Rio Grande do Sul. Com a inauguração do Centro, inicialmente ligado à reitoria, tornou-se possível o início da pesquisa mais aprofundada sobre os ecossistemas naturais, a fauna e a flora da região.

O professor Irajá é mencionado constantemente nas conversas com os funcionários e alunos do local. Afinal, seu legado para a pesquisa científica em paleontologia é reconhecido em todo o país. Há mais de 70 anos vinculado à Universidade, é membro titular da Academia Brasileira de Ciências. No segundo andar do Museu de Ciências Naturais, que funciona junto ao Ceclimar, há um espaço especial dedicado a ele, o qual Cariane Reis, coordenadora da Divisão de Extensão, faz questão de mostrar à nossa reportagem.

O espaço é apenas uma das atrações do Museu. Entre aquários, amostras de rochas, minerais e materiais fósseis, o que mais chama a atenção dos visitantes é o esqueleto de uma baleia jubarte. Ela enalhou em Capão da Canoa em 2010 e, apesar das tentativas de salvamento, não resistiu. Para montar a ossatura, foi necessário enterrá-la durante um ano e meio para acelerar o processo de decomposição. Posteriormente, uma empresa de osteomontagem do Ceará ajudou na preparação do esqueleto.

Foi depois da ida ao Museu que crianças de um colégio de São Leopoldo seguiram por uma trilha que levava ao caranguejal, orientados pelos monitores do Ceclimar, alunos do curso de Biologia Marinha. Antes da visita ao Centro, as escolas já são avisadas de que os estudantes devem trazer uma muda de roupa a mais, já que se sujar na lama da trilha é inevitável. Na volta do percurso, uma garota exclamou: “Me sinto um soldado do exército voltando da guerra”.

Segundo a monitora Júlia Martins, estudante do 4.º semestre, durante o ano letivo, o principal público é o das escolas do estado que promovem saídas de campo até lá. No verão, o movimento é bem maior. Na última temporada, houve o registro de 7 mil visitantes. “E isso apenas entre os pagantes”, conforme fez questão de salientar Júlia.

Além disso, a aproximação com as escolas é promovida por projetos como o *Museu vai à escola*. Com o objetivo de difundir o conhecimento científico, a equipe do Ceclimar promove diversas palestras e oficinas em instituições de ensino da região litorânea. Recentemente, o projeto foi contemplado por um edital do Ministério da Educação.

Interação com a comunidade – Ao mostrar o terrário onde ficam tartarugas e jabutis, Cariane alertou para um dos grandes problemas da rotina do Ceclimar – e especificamente do Centro de Reabilitação de Animais Marinhos (Ceram). Muitos animais

encontrados na costa são levados até lá equivocadamente pela população local, devido à falta de instruções para lidar com esse tipo de situação.

Antes de serem acolhidos no Ceram, esses animais devem passar pelos procedimentos especializados do Patrulha Ambiental da Brigada Militar (Patram), do Ibama ou dos próprios especialistas do Ceclimar. Infelizmente, não é isso o que costuma acontecer. O Gordo, como é chamado o lobo-marinho que habita o Centro, passou por uma situação semelhante. Acharam que ele estava machucado e o encaminharam até lá equivocadamente. No fim das contas, ele se adaptou ao novo habitat.

Hoje, o espaço também abriga uma graduação em Ciências Biológicas

Uma das formas encontradas para solucionar o problema foi a criação da página do Facebook e do site do Ceclimar, nas quais a comunidade pode tirar suas dúvidas em relação ao trato dos animais. Segundo Maurício Tavares, coordenador do Ceram, as ferramentas estão contribuindo para uma interação mais intensa entre o Centro e a população.

Trajatória de mudanças – Muita coisa mudou depois da fundação do Ceclimar: desde sua sede até a instalação de novos cursos, espaços e equipamentos. Inicialmente, funcionou em Tramandaí, no prédio do almoxarifado da Colônia de Férias da UFRGS. Foi em 1981 que o Centro ganhou espaço próprio, em um terreno cedido pelo Patrimônio da União. No município

vizinho, já eram promovidos alguns cursos de extensão, mas a mudança possibilitou o crescimento e aprimoramento das atividades.

Sobre os cursos de extensão, a professora Norma Luiza Würdig, diretora do Centro, lembra-se daqueles de Biologia Marinha oferecidos para professores dos ensinos fundamental e médio dos municípios da região. As aulas focavam as experiências em sala de aula trazidas pelos próprios professores, possibilitando o aperfeiçoamento do ensino das escolas da comunidade.

Hoje, o Ceclimar conta com 22 funcionários e 93 alunos e é vinculado ao Instituto de Biociências da UFRGS. Esses números são suficientes para tornar possível a integração dos diversos setores que trabalham para manter de pé o Centro. “Nós somos poucos, mas atuamos bastante”, orgulha-se a professora Norma. Em maio, houve um concurso para a seleção de dois novos funcionários, um museólogo e um veterinário. Até então, quando necessário o atendimento, um veterinário do Hospital de Clínicas Veterinárias da UFRGS deslocava-se de Porto Alegre até lá.

Antes, o Ceclimar era voltado apenas para a pesquisa e a extensão. Desde 2006, oferece os cursos de graduação em Ciências Biológicas com ênfases em Biologia Marinha e Costeira e em Gestão Ambiental Marinha e Costeira, e propicia aos alunos diversos espaços de aprendizagem, como o Laboratório de Análise de Águas, Sedimentos e Peixes, e o Setor de Coleções.

No Laboratório, os alunos realizam projetos que contribuem para o desenvolvimento do litoral norte. O projeto *Taramandahy*, por exemplo, realiza, em parceria com a ONG Anama, o monitoramento de dez pontos da bacia hidrográfica de Tramandaí. Já o *Snorkeling das Lagoas do Litoral Norte* estuda a viabilidade das águas para o mergulho livre e com cilindro, buscando promover o turismo ecológico na localidade. Rafael da Silveira, estudante do 8.º semestre do curso de Biologia Marinha e bolsista do Laboratório, ressaltou que, mesmo voltado para essas pesquisas, o local é aberto a todos os alunos.

O Setor de Coleções existe desde 2008 e abriga um vasto material originário de seres vertebrados e invertebrados. Responsável também pelo Setor, Maurício Tavares explica que a coleção é, sobretudo, subsídio para os estudos realizados pelos alunos do Ceclimar. Eventualmente, o material é emprestado para exposições e eventos, tal como a Festa do Pescador de Arroio do Sal.

Sobre as perspectivas futuras, ainda é cedo para fazer previsões. A inauguração do Câmpus Litoral Norte, prevista para 2014, gera algumas expectativas. Segundo a professora Norma, “para o Centro será muito bom”, uma vez que a tendência é aprofundar os laços com a comunidade e intensificar as atividades de ensino e pesquisa, que serão impulsionadas pela movimentação que se espera ter na região.

Júlia Corrêa, estudante do 5.º semestre de jornalismo da Fabico

Aniversário

Para a primeira semana de julho, estão programadas diversas atividades em comemoração aos 35 anos do Ceclimar. A ideia, de acordo com a professora Norma, é envolver tanto a comunidade universitária quanto a população do entorno. A escolha da programação contou com a ajuda dos alunos da graduação. Assim, além dos eventos oficiais, haverá oficinas, excursões a atrações musicais. A programação completa pode ser encontrada no site do Centro www.ufrgs.br/ceclimar.



Um dia de visita guarani

Diálogo de culturas
Alunos retribuem visita para conhecer aldeia com atividades no Aplicação

Jacira Cabral da Silveira

Antes de começar o dia de visita ao Colégio de Aplicação, o cacique Vherá Poty conversa com os pequenos guaranis perfilados à sua frente em uma das salas da escola da UFRGS. Os olhos ameados e atentos à liderança de Tekoá Pindó Mirim abstraem do ambiente desconhecido, enquanto Vherá explica que a atividade da qual estão por participar não será oferecida apenas a eles, mas também às crianças e adultos não indígenas que os recebem. Sendo assim, devem se comportar, saber conviver com os demais. É terça-feira, 4 de junho, o dia é de sol, e no pátio toalhas coloridas estendidas na grama oferecem aos visitantes bolos, biscoitos, frutas e sucos.

O ônibus que os buscaria na comunidade guarani no distrito de Itapuã, em Viamão, chegou por volta das 7h30min e todos já estavam esperando pela professora Tanise Müller Ramos, que os acompanharia até o colégio. Dias antes, a turma de 5.º ano (Alfa) do Aplicação, na qual a professora é responsável pelas aulas de linguagens, enviara uma carta aos moradores de Pindó Mirim: “Aproveitamos essa mensagem para convidar vocês a visitarem nossa escola em breve. Obrigada por tudo que fizeram por nós”. E assim, a acolhida à cultura guarani ultrapassou o estudo sobre mitologias que o 5.º ano vinha desenvolvendo e acabou se estendendo a toda escola.

Em 19 de abril, Tanise e seus alunos haviam participado, ao lado de estudantes de outras escolas, de um projeto de visitação à comunidade indígena de Viamão, demandada pelas lideranças locais. O objetivo, segundo o cacique, era oportunizar um dia de convivência com o cotidiano no Tekoá (o lugar do modo de ser guarani). “Preparamos a semana para receber algumas escolas por dia para que as crianças pudessem se divertir, pudessem fazer os trajetos da comunidade dentro da aldeia e vivenciar algumas danças”, comenta.

Tanise ressalta que um dos resultados do contato direto com a realidade de uma aldeia “foi diluir os estereótipos da figura e da identidade indígenas que as crianças – e em geral as pessoas – têm dos índios”. De acordo com a professora, a atividade também despertou o interesse da turma em convidá-los para passar um dia no Aplicação, quando conheceriam um pouco da rotina da turma



Iniciativa permitiu aproximação entre as crianças da aldeia guarani de Pindó Mirim e os alunos do Colégio de Aplicação da Universidade

e um ambiente escolar não indígena. Orgulhosa da forma como seus alunos se relacionaram com os moradores de Pindó Mirim, Tanise ressalta um dos objetivos atingidos pelo trabalho: o convívio respeitoso entre diferentes culturas. “Uma espécie de alfabetização social/cultural”, resume Rafael Arenhardt, também professor do 5.º ano, responsável pelos conteúdos de matemática.

Recepção – Vherá é um homem jovem, tem 25 anos e lidera a comunidade de Pindó Mirim. Independentemente de sua idade, cada uma de suas solicitações é atendida pelos cerca de 30 representantes de seu povo que participam da visita ao Colégio de Aplicação. Como acontece entre os guaranis, ele foi eleito para representar a comunidade e demonstra clareza do que isso representa para seu povo: “Eu sou cacique hoje, mas não mando, apenas sou porta-voz. O cacique é uma liderança capaz de identificar o sentimento da comunidade como um todo, não pode ser um individualista, é sempre o coletivo que importa”.

Não fosse o fato de estarem de luto na ocasião da visita, certamente mais guaranis teriam comparecido à atividade preparada para eles, garante Vherá. Ele e outros adultos indígenas que ali estavam haviam chegado tarde na noite anterior, depois da viagem de retorno

da localidade onde fizeram a cerimônia fúnebre de um dos filhos de seu Tulíbio, um dos velhos sábios de Pindó Mirim. Atualmente, vivem na comunidade 15 famílias, totalizando 75 pessoas. Recentemente, eles festejaram a reforma da Escola Nhamandú Nhemopuã, o *acordar do divino sol*, em tupi-guarani, na qual estudam 37 crianças e jovens indígenas. Além do ensino fundamental regular, a escola também tem uma turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Trabalham na escola duas professoras não indígenas e dois professores indígenas para a alfabetização no idioma guarani.

Depois do piquenique, do chimarrão e das primeiras brincadeiras livres pelo pátio, a diretora Dirce Maria Fagundes Guimarães convidou a todos para que se reunissem junto ao equipamento de som instalado no pátio, próximo ao prédio Alfa do Colégio, onde seriam feitas as apresentações após a recepção oficial aos visitantes. Aos poucos, uns correndo, outros mais vagarosos, foram formando um semicírculo em torno do local preparado. Na primeira fila, meninos e meninas indígenas e não indígenas sentaram-se em grupos. Em sua fala, Dirce ressaltou que a comunidade escolar do Aplicação estava feliz por receber a comunidade guarani de Pindó Mirim. Logo em seguida, ela passou a palavra ao cacique.

“Que a alegria mova nossa visita, nossos sorrisos”, começa Vherá, sempre sorrindo, e continua: “Estamos aqui não só como indígenas, mas como amigos indígenas”, frisou sem impositação de voz. Então ele convidou a todos para que se levantassem. Enquanto os presentes atendiam ao pedido, 17 crianças guaranis se posicionaram ao seu redor. Depois de afinar o violão, Vherá fez novo pedido: “As meninas e mulheres prestem atenção nas meninas [guaranis], e os meninos e homens observem os meninos [guaranis]”. E assim, utilizando poucas palavras, Vherá em minutos torna-se o cacique de todos na escola.

Realmente era preciso muita atenção para reparar a mínima diferença entre os movimentos dos pés que as indiazinhas e os indiozinhos faziam. Talvez esse tenha sido o motivo pelo qual tão poucos da assistência tenham imitado os passos das crianças guaranis, que continuavam repetindo a mesma coreografia, entoando seu canto ao som do violão e algumas percussões. A falta de participação, entretanto, não vinha acompanhada de desinteresse; todos os olhos estavam voltados aos visitantes. “A parte mais importante é a nossa alegria, isso faz com que qualquer tipo de canto seja forte”, enfatiza o cacique.

Ser guarani – Assim como outras expressões da cultura guarani, Vherá comenta que a dança para seu povo está ligada tanto à saúde corporal quanto à mental e aos aspectos espirituais. Unidade que se percebe no cotidiano guarani. Segundo o cacique, diferente do que ocorre na cidade, onde tudo é segmentado, nas comunidades guaranis “não há separação entre escola, o posto de saúde, o mercado. Na aldeia não há essa separação, tudo está ligado”, acrescenta.

O relato da professora da classe multisseriada da Escola Nhamandú Nhemopuã, Adriana Marques, ilustra o comentário do líder. Ela diz que em Pindó Mirim a expressão *escola aberta* é verdadeira. Adriana está acostumada a ver entrar e sair de sua sala de aula mães que vêm conferir se os filhos estão bem, e também os mais velhos que entram para conversar um pouquinho: “Seu Tulíbio, um dos sábios da comunidade [por sua idade avançada], está sempre junto. Visita a escola, toma chimarrão, lê

um livro”, ilustra. Outra visita frequente são os irmãos menores de seus alunos, que vêm acompanhar os irmãos e vão ficando. De acordo com Adriana, essa convivência é positiva, pois antecipa o contato com a língua portuguesa na qual serão também alfabetizadas, já que até a idade escolar as crianças da aldeia falam exclusivamente o guarani.

Na verdade, esse movimento em nada interfere em sua aula. Pelo contrário, em lugar de considerar invasivo, a professora interpreta como um apoio ao seu trabalho, diferente do que acontece numa escola não indígena “[...] onde o professor é responsável por tudo. Ali quem é responsável é a comunidade”, garante. Essa prevalência do coletivo entre os guaranis também foi percebida por Luísa, 10 anos, aluna de Tanise no 5.º ano. Ao comentar a visita que sua turma fez a Pindó Mirim, resume: “Eles vivem em grupo. Lá os maiores cuidam dos menores, e os menores, dos menores ainda. É legal, acho bom conhecer outra cultura”, e segue falando pelos cotovelos, contando tudo que viu e fez com seus colegas em Pindó Mirim.

Por sua vez, Karai, 14 anos, um dos alunos da Nhamandú Nhemopuã, é econômico nas palavras. Ele diz que o que mais gostou no Aplicação foi de poder jogar no campo de futebol do colégio. Segundo ele, em sua escola não há um espaço como esse, embora tenha “até uma pracinha”, comenta Sabrina, 11 anos, colega de Luísa. Ainda que não se oponha à entrevista para a repórter, suas respostas são curtas e quase inaudíveis, a não ser quando revela o significado do seu nome: “Pajé”.

Após as apresentações, as crianças participaram de algumas oficinas e visitaram as salas de aula. Enquanto isso, os pais e demais adultos da aldeia foram acompanhados pelos pais dos alunos do Aplicação, pelos professores e pelos funcionários do colégio para conhecer alguns espaços da escola e participar de uma roda de chimarrão. O retorno para a Pindó Mirim ocorreu no meio da tarde, depois de um almoço coletivo e da exposição de artesanato guarani. “A proposta era que toda a comunidade escolar pudesse dar início ao processo de aproximação e sensibilização com a história e a cultura guarani nesse dia. Acho que conseguimos isso”, avalia Tanise.





Para o jornalista, ao falar da infância é importante respeitar a integridade das crianças e de suas famílias

Pelo direito à informação

Jornalismo

Marcelo Canellas vem à UFRGS neste mês para falar a respeito da abordagem da mídia sobre a infância

Samantha Klein

O que pode soar como quase banal, tal a recorrência das violações aos direitos básicos, é urgente e deve ser retratado. Essa é a concepção de Marcelo Canellas, que acredita no impacto dos fatos. Jornalista há mais de 25 anos, ele dedica tempo, leitura e semanas ou até meses de apuração para escrever textos aparentemente simples que vão complementar as imagens captadas para séries de matérias especiais – como a premiada *Terra do Meio: Brasil Invisível*, que apresentou uma região minada por conflitos entre grileiros e as populações ribeirinhas das margens do Rio Xingú, no sul do Pará. Em 2001, inspirado pela

leitura de *Geografia da Fome*, de Josué de Castro, escrito em 1946, o jornalista conseguiu mostrar, mais de 50 anos depois da publicação do livro, que a fome crônica persistia nos grotões do Brasil. O jornalista que já andou pelo mundo afora em busca de histórias conta que, em qualquer local, o que realmente vale é a atenção do repórter/interlocutor e a humanização de um relato. “Não importa o lugar, não importa a história; em todas elas há a mesma grandeza, a mesma vilania, com toda a impureza e a contradição da condição humana, que meus olhos de menino aprenderam a enxergar”, escreveu em recente crônica após a cobertura da tragédia que vitimou 242 jovens em Santa Maria.

Na UFRGS, Marcelo participa do *II Seminário Universidades e Escolas: quem são os donos do cardápio infantil*, promovido pelo Núcleo Interdisciplinar de Doenças Crônicas na Infância da Pró-reitoria de Extensão no dia 6 deste mês, para falar sobre o direito à informação qualificada.

Como uma trajetória de reportagens especiais conecta jornalismo, infância e direitos humanos?

Para mim, é uma ligação natural, porque o jornalismo trata das contradições da vida e é justamente esse tipo de

tema que me leva a propor reportagens. São os acontecimentos, as violações dos direitos humanos que me incomodam. Existe apenas uma ética para o cidadão e para o jornalista. Por isso, os assuntos tortuosos sempre serão pautas. O Brasil, por sua vez, é um país cheio de contradições e, consequentemente, oferece muita matéria-prima para o jornalismo. As reportagens sobre infância sempre remetem a uma série de atribuições do Estado e da família que estão muito longe de serem cumpridas, e não há nada mais contraditório do que os abusos contra as crianças.

No momento da entrevista, você estava finalizando uma matéria sobre conselhos tutelares em todo o Brasil. Qual foi o retrato observado?

Essa matéria é o resultado de um ano de trabalho e mostra o desmantelamento desse serviço que é mantido pelas prefeituras. Via de regra, o que acontece é o sucateamento, pois os conselhos são alocados em prédios com estruturas precárias. É um sistema em que os próprios entes responsáveis não dão a importância que a Constituição dá, que é a de prioridade absoluta à infância. Este é um exemplo de que temos muita matéria-prima para o jornalismo.

Qual é sua avaliação sobre os conteúdos jornalísticos destinados às crianças?

Penso que o comportamento da imprensa diz respeito à maturidade da democracia. Quanto mais democratizada for a sociedade, melhor será a cobertura. (Precisamos lembrar que a cobertura já foi muito pior.) Isso é mensurado pela Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI), que acompanha os jornais diariamente. As reportagens aumentaram muito nos últimos dez anos, tanto do ponto de vista quantitativo quanto qualitativo, com coberturas que investigam a violação dos direitos das crianças. Ainda assim, existe uma demanda social enorme de fatos, ligados a crianças e adolescentes, que não são vistos pela imprensa. Por outro lado, o espaço que se tem para essas questões também depende do interesse da sociedade. A violência contra as crianças é particularmente muito delicada e diferente da violência sexual contra as mulheres porque, geralmente, envolve agressores muito próximos. Às vezes, é o padrasto, o pai, o irmão. Não é fácil para a sociedade discutir o tema. Consequentemente, existe dificuldade para se combater o problema.

Qual é o principal cuidado ao falar sobre o público infantil?

Um dos principais cuidados se refere ao limite de cada um. Mantenho um grande respeito em relação à dor de cada pessoa, ao drama alheio. Temos de respeitar a integridade da infância e das famílias, mas precisamos dar a notícia porque a informação pertence à sociedade.

Já a bússola do jornalista que lida com esses temas é o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que é, talvez, a legislação mais moderna ao se referir à criança. Tendo em mente os direitos de uma criança, fica até mais fácil ter disposição para olhar para o lado e perceber o absurdo de uma situação de violação.

Em 2007, foi exibida a série Terra do Meio, sobre uma região localizada entre os municípios de Altamira e São Félix do Xingu, no sul do Pará, onde a população é desassistida e sofre com a grilagem de terra. O que significa trabalhar em uma região praticamente desconhecida?

Foi um trabalho com bastante profundidade, no qual pudemos mostrar a essência da questão da apropriação de terras públicas no barril de pólvora que é o sul do Pará. Outra dificuldade é a questão da logística e da segurança. Tivemos de tomar muitos cuidados durante quase um mês de viagem. Para ter segurança, avisamos o Ministério Público Federal e a Polícia Federal (já que se trata de terras que pertencem à União). Nunca fiz reportagem com segurança ao lado porque é contraproducente e, se fosse o caso, também colocaria em risco a vida do segurança. Como jornalista, você tem de avaliar o risco e, quando necessário, encontrar outra maneira de contar a história. Neste caso da Terra do Meio, em primeiro lugar, avisamos à equipe de retaguarda sobre a nossa localização e espalhamos na própria cidade a notícia de que estávamos fazendo uma reportagem sobre grilagem. Também utilizamos câmera no ombro, nada foi escondido, até mesmo porque a situação de violação dos direitos sociais é tão flagrante e aberta que a câmera oculta se fez completamente desnecessária. Esse é o último recurso quando uma informação de interesse público está no ambiente privado por uma violação de direitos. A câmera escondida pode disfarçar a preguiça quando mal utilizada.

Quais públicos são pouco ouvidos?

Procuramos sempre dar voz a quem não tem. As crianças não são muito ouvidas. Às vezes, estão fora do contexto em uma reportagem que não se preocupa com elas. Já em relação à

pauta indígena, por exemplo, ainda existe um preconceito. O indigenismo é mal discutido pela imprensa. Não é explicado para as pessoas o porquê da necessidade de existirem grandes reservas para os índios e por que determinadas áreas pertencem a eles. Essa é uma questão de identidade brasileira e defesa das populações tradicionais. Quando aflora o problema econômico, vêm à tona todos os preconceitos que se tornam ainda mais evidentes pela superficialidade com que a imprensa cobre esses fatos. Outro cuidado é como abordar. Quando você procura as pessoas desassistidas para conversar, e elas se dão conta de que não estão conversando com uma câmera ou uma empresa, mas que estão em frente a um interlocutor, que muitas vezes foi a única pessoa que parou para ouvir o que elas têm a dizer, então é possível humanizar a relação do repórter com a fonte.

Não há nada mais contraditório do que os abusos contra as crianças

E qual é seu papel como repórter especial?

Acho que, como jornalistas, nossa responsabilidade é a de sempre tentar enfrentar a agenda de um veículo de comunicação. O jornalista tem de sugerir assuntos e batalhar pela pauta. Isso faz parte da essência do repórter. O debate na redação sobre a viabilidade e o valor-notícia vai existir sempre, por isso é que temos de batalhar por uma ideia que nem sempre terá o aval positivo para seguir adiante. Sou de um núcleo de reportagens especiais em que tenho de propor matérias especiais. Mais ou menos 70% do que faço sou eu quem propõe.

Em relação à língua e ao texto, existe espaço na linguagem da TV para unir literatura e informação com uma linguagem simples?

O jornalismo tem a mesma ferramenta da literatura, que é a língua. O perfeito domínio dela é uma obrigação. Sou procurado por estudantes de pós-graduação para discutir o tipo de jornalismo que faço, mas pessoalmente nunca penso em jornalismo literário quando escrevo as matérias. Acredito que, dentro do universo vocabular de domínio de um público heterogêneo, é possível trabalhar de forma criativa. Gosto muito de uma definição do crítico Antônio Cândido sobre Manuel Bandeira. Entre outras palavras, ele diz que é uma poesia “desentranhada”, na qual o poeta tirava tudo o que é impuro para deixar somente o ouro. É uma poesia com linguagem aparentemente simplória, mas é na realidade uma depuração de tudo o que pode ser eliminado. Na TV, o jornalista busca a mesma coisa, o que é um desafio tremendo, pois exige o domínio absoluto da língua. O que digo para os estudantes é que o aparato tecnológico para os jornalistas é impressionante e modifica muito a rotina de trabalho. Hoje o repórter pode entrar ao vivo via celular do meio do deserto sem problemas com a conexão. Mas reforço que o que o domínio da língua proporciona é muito mais importante do que a posse da linguagem da tecnologia. O saber a língua demanda uma vida de leitura e conhecimento e exige uma preparação imensa do profissional. Escrever bem para a televisão é resultado desse domínio da língua.



Legitimidade restaurada?

América Latina
Após um ano do golpe branco no Paraguai, há uma tendência de neoligarquização do Estado

Mathias Seibel Luce*

Transcorrido um ano do conflito de Curuguaty – confronto entre os sem-terra e a polícia que resultou em mortes e foi utilizado pela direita paraguaia para justificar a deposição de Fernando Lugo pelo Congresso, onde esta é maioria –, parecia que a crise política no Paraguai estaria solucionada. Segundo essa tese, as eleições de abril de 2013, ainda que marcadas pela volta à presidência de uma figura do Partido Colorado, organização identificada com a ditadura do general Alfredo Ströessner e com a prática sistemática de fraudes para perpetuar-se no poder, teriam o efeito de suturar as fissuras internas e externas, restaurando a legitimidade democrática através das urnas. O presidente deposto, Lugo, ex-bispo vinculado à Teologia da Libertação e líder da organização Frente Guasú, teria preservado algum espaço, conquistando uma cadeira no senado. E o Paraguai retornaria ao Mercosul depois de haver sido suspenso pelos demais sócios que estiveram em desacordo com o julgamento sem direito a defesa a que Lugo foi submetido. Assim pensa o presidente da OEA, José Miguel Insulza, que, nos dias seguintes ao golpe branco (ou impeachment, como preferiu entender), além de ter reconhecido o governo de facto de Federico Franco, se

apressara em afirmar que a legitimidade democrática se restabeleceria naturalmente “em dez meses”.

No entanto, a situação política do Paraguai é um problema mais complexo. A questão que precisa ser respondida são as causas que estão por trás da interrupção forçada do mandato de Lugo. E se essas mesmas causas continuam ou não sua marcha no Paraguai atual. Como entender, nesse sentido, a eleição de Horacio Cartes? Ex-dirigente e empresário do clube de futebol Libertad, Cartes não fez carreira na principal máquina eleitoral da oligarquia paraguaia, o Partido Colorado. Mas pertence às mesmas fileiras em que esse partido recruta seus dirigentes, a oligarquia paraguaia. Multimilionário, acionista de dezenas de empresas dos setores financeiro, tabacaleiro e agropecuário, Cartes filiou-se ao Partido Colorado em 2009, apadrinhado por um grupo interno que fundou a corrente *Movimiento Honor Colorado*, que conseguiu alterar os estatutos da Asociación Nacional Republicana (ANR, sigla pela qual é conhecido atualmente o Partido Colorado), permitindo que indivíduos com menos de dez anos de filiação pudessem postular-se à presidência. Segundo telegramas confidenciais vazados pelo Wikileaks, Cartes estaria sendo investigado pela DEA – a agência antidrogas dos EUA – por envolvimento em uma rede internacional de lavagem de dinheiro do narcotráfico. A despeito disso, como entender a simpatia e o apoio que porta-vozes do Departamento de Estado norte-americano não trataram de ocultar ao cumprimentarem Cartes por sua vitória no pleito?

Para os interesses predominantes entre a elite paraguaia e seus aliados externos, especialmente os EUA, a eleição de Cartes e a volta do Partido Colorado apresentam-se como a garantia mais segura da preservação de sua influência no país. Assim como outros países da

América Latina, o Paraguai caracteriza-se por uma concentração enorme da propriedade da terra. O fato de Lugo ter acenado com uma proposta de reforma agrária e permitido um contexto de menor repressão aos movimentos sociais que lutam pela desconcentração da propriedade da terra foi o suficiente para as elites de seu país orquestrarem um golpe para derrubá-lo, do mesmo modo que acontecera com Manuel Zelaya, anos antes, em Honduras. Ao contrário do que sugerem os estereótipos, o Paraguai não se reduz à condição de país em que reina a economia subterrânea do narcotráfico, do tráfico de armas e o contrabando de diferentes mercadorias, como centro de distribuição de réplicas não autorizadas de eletrônicos e outros produtos de grandes marcas famosas. O Paraguai de hoje também é uma economia que representa o posto de quarto maior produtor e terceiro maior exportador de soja do mundo. Isso faz com que, como escreveu Eric Nepomuceno, o país que chega às mãos de Cartes não seja o mesmo Paraguai de Ströessner, nem o Partido Colorado se resume à mesma máquina eleitoral e de cooptação e coação de funcionários públicos que sempre foi, embora o siga sendo. O Partido Colorado, assim como os demais partidos da elite paraguaia, são suporte de interesses como os do agromercado local, em aliança com grandes transnacionais estadunidenses do ramo de sementes e venenos, como Monsanto e Cargill. E todos eles expressam o lado mais poderoso do choque de forças em curso no Paraguai nos últimos anos.

A expansão do cultivo de soja em larga escala sob o novo modelo exportador de especialização produtiva fez aumentarem aceleradamente as pressões sobre pequenos proprietários e engrossar o êxodo rural, em um processo onde a dissolução da agricultura camponesa e o aumento do contingente de sem-terra, de desempregados e de

trabalhadores informais nas cidades são duas faces da mesma moeda. Em um trabalho que chama a atenção pelo caráter de jornalismo investigativo cada vez mais raro na prática dos grandes veículos de comunicação (“Curuguaty, a matança que derrubou Lugo”), a repórter Natália Vianna, da Agência Pública, remontou os argumentos utilizados pela oposição de direita que defendeu a tese de impeachment. Vianna encontrou evidências da presença de franco-atiradores e o emprego de armas automáticas de uso exclusivo das forças armadas no confronto onde morreram seis policiais e 11 camponeses. As provas, porém, não constam do inquérito da comissão aberta controlada pelo Partido Colorado e, além disso, esse inquérito sugere que um grupo de camponeses, partidários de Lugo, teria emboscado os policiais. O que é contestado por diversas organizações de defesa dos direitos humanos. Dessa forma, há muitos elementos contratuais que apontam uma fragilidade comprometida do inquérito e, mais do que isso, que agentes políticos vinculados aos grandes proprietários e ao Partido Colorado estiveram preparando um incidente que acabou servindo de pretexto para a derrubada de Lugo.

A eleição de Cartes, que mobilizou grande soma de recursos e influentes apoios, representa nesse contexto uma reação à tentativa de enfrentar o problema que é a maior fonte de injustiça social e que ameaça dissolver a cultura camponesa e guarani dos paraguaios: a grande propriedade rural monoprodutora de soja. Quanto ao Partido Colorado, sua estrutura política se manteve articulada a despeito de ter ficado fora da presidência nos últimos cinco anos. Além de derrotar, para a cadeira presidencial, o candidato da chapa do Partido Liberal Radical Auténtico (PLRA), de Federico Franco (o vice de Lugo que passara para a oposição durante seu mandato, parti-

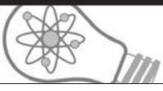
cipando do golpe branco manobrado no Congresso), venceu em 12 dos 17 departamentos (estados) paraguaios, sendo que ainda mantém maioria no Senado (19 dos 45 senadores) e maioria absoluta na Câmara de Deputados (44 dos 80 deputados). Alguns analistas consideram a possibilidade de um retorno à situação prévia, quando o Partido Colorado controlava o Estado paraguaio em uma espécie de monolitismo político.

A derrota infligida à esquerda paraguaia e sua Frente Guasú, de Lugo, e a morte, por outro lado, do general Lino Oviedo, fundador e dirigente da agremiação de direita UNACE (uma dissidência do Partido Colorado que poderia lhe fazer sombra), criaram uma correlação de forças ainda mais favorável ao retorno da ANR como principal expressão dos grupos conservadores, como sempre foi na história contemporânea do Paraguai. É essa condição que o governo de Cartes tentará consolidar internamente. E no contexto latino-americano, o ingresso do Paraguai como observador no recém-criado bloco econômico e geopolítico integrado por governos pró-estadunidenses da região – a Aliança do Pacífico, composta pelo México de Peña Nieto, a Colômbia de Juan Manuel Santos, o Chile de Sebastián Piñera e o Peru de Humala (este último tendo apresentado uma guinada pró-EUA em seu governo) – é a prova de que a reação conservadora no Paraguai coaduna-se com uma tendência de neoligarquização do Estado que, longe de ser fato exclusivo da situação interna do Paraguai, é uma tendência continental e que exige a atenção dos analistas críticos, sobretudo se estamos preocupados com a necessidade de transformações sociais profundas nos países latino-americanos e com projetos de integração que beneficiem os povos.

*Professor do Departamento de História da UFRGS



A eleição de Horacio Cartes e a volta do Partido Colorado apresentam-se como garantia da preservação do poder da elite paraguaia



Além de ser uma garantia ao judiciário, que terá provas materiais bastante sólidas, a substância é importante para laboratórios oficiais de perícia e para centros que pesquisam drogas

UFRGS e Polícia Federal têm parceria pioneira

Tecnologia

Peritos e professores desenvolveram produtos que substituem materiais importados para a análise de cocaína apreendida

Um grupo de pesquisa, formado inicialmente por peritos criminais da Superintendência da Polícia Federal no Rio Grande do Sul e por professores e alunos de mestrado e de iniciação científica da Faculdade de Farmácia da UFRGS, desenvolveu um projeto pioneiro no Brasil: a produção de Substâncias Químicas de Referência, as chamadas "SQRs", nesse caso, elementos relacionados à droga ilegal cocaína: o cloridrato de cocaína; o seu principal metabólito; um biomarcador para o uso da droga na forma fumada (o crack); e outras substâncias normalmente encontradas em apreensões de cocaína, todas com alto grau de pureza.

Nos exames de química ou toxicologia forenses, para comprovar inequivocamente a identidade de uma substância de maneira eficiente, confiável e econômica, é necessário que exista um padrão de comparação para a substância de interesse. Para a elaboração do laudo, são feitos exames em que propriedades específicas do material desconhecido são compara-

das com as características conhecidas de uma substância de referência, com pureza adequada, exatidão e precisão necessárias. Essas substâncias-padrão denominam-se SQRs.

Dificuldades geraram parceria – A produção (ou "criação") de uma SQR obedece a uma série de critérios rígidos, demandando o uso de equipamentos de alto valor e trabalho intensivo, para caracterizar qualitativa e quantitativamente o material "candidato" a SQR, o que torna o processo caro e demorado.

Diante dessas dificuldades, peritos da Polícia Federal no Estado do Rio Grande do Sul e professores da Faculdade de Farmácia da UFRGS se uniram para criar um grupo dedicado a produzir SQRs de drogas ilegais e substâncias relacionadas. Por parte da UFRGS, esse grupo foi formado inicialmente pelos professores Pedro E. Froehlich e Renata P. Limberger, enquanto a PF foi representada por peritos criminais federais da Superintendência Regional.

Em 2009, ocorreu a assinatura de um Termo de Cooperação entre a União (representada pela Superintendência Regional do Departamento de Polícia Federal no RS) e o Laboratório de Toxicologia da Faculdade de Farmácia da UFRGS. Neste documento foi oficializado o propósito em comum do grupo de produzir as SQRs.

Firmado o acordo, veio a busca por financiamento. Um projeto desenvolvido pelo grupo foi contemplado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que disponibilizou cerca de

R\$ 460 mil, investidos em um trabalho árduo e demorado de pesquisas intensas. A equipe contou ainda com a colaboração dos peritos criminais Bruno Todeschini e Adriano Maldaner.

A partir de uma apreensão de cocaína pela PF em 2010, foi obtida uma autorização judicial para o uso de uma fração do material para o projeto de pesquisa. "Este foi um passo fundamental para a realização do projeto", diz o professor Pedro.

O trabalho deverá permitir, no futuro, que se trace a rota do tráfico de drogas

Os autores destacam que a cocaína estava adulterada com tetramisol, o que representou um desafio científico interessante. Ao final, foi possível aprimorar um método simples e eficaz para isolar o cloridrato de cocaína do tetramisol, bem como de outras impurezas.

O perito Marcello Gatteli afirma que o trabalho inovador é resultado de um conjunto de esforços: "Tudo o que foi alcançado deve-se à união de forças de competências de duas instituições renomadas. Pretendemos seguir o caminho iniciado e proporcionar à

sociedade brasileira o máximo de benefícios possível".

Contribuição social – Os primeiros cinquenta frascos de cloridrato de cocaína produzidos pelo projeto para uso como SQRs já foram enviados ao Serviço de Perícias de Laboratório do Instituto Nacional de Criminalística, em Brasília. O setor, chefiado pelo perito criminal federal Adriano Maldaner, se encarregou de distribuir um frasco para cada laboratório da PF no país, os quais já foram utilizados em um exame de proficiência. Gatteli explica que esse exame se baseia em uma comparação dos resultados obtidos pelos diferentes laboratórios em amostras desconhecidas, podendo-se assegurar, assim, a qualidade dos serviços prestados, bem como confirmar a qualidade da Substância Química de Referência empregada na análise.

Outra possibilidade do projeto é o estabelecimento de perfis químicos das apreensões de cocaína: "A ideia é que se possa relacionar diferentes apreensões em diferentes cidades do país e determinar se são de mesma origem. O trabalho deverá permitir, no futuro, que se trace a rota do tráfico de drogas", explica Marcelo de Azambuja Fortes, chefe do setor técnico-científico da PF no Rio Grande do Sul. A professora Renata aponta ainda para a importância das análises laboratoriais: "A partir de um padrão de qualidade, podemos oferecer um diagnóstico de qualidade".

Quanto ao benefício financeiro proveniente do projeto, Gatteli estima que, caso a Polícia Federal comprasse os frascos produzidos diretamente

dos Estados Unidos, gastaria cerca de U\$180 mil, sem calcular qualquer custo extra, como taxas, frete, etc. "Trata-se de uma economia muito importante, o que já justificaria a execução do projeto", defende o perito, e completa: "É claro que, além disso, significa um avanço tecnológico adquirido pelo Brasil em termos de geração de conhecimento e de formação acadêmica".

Combate ao tráfico – Ao lado da maconha (*Cannabis sativa*), a cocaína, com suas diversas formas de apresentação, é uma das drogas ilegais mais utilizadas no país. A dependência química gerada por seu uso contínuo (em suas diferentes formas, tais como o crack) é um problema de saúde importante no Brasil. Atentos a essa questão, os pesquisadores do grupo têm como uma das metas auxiliar no enfrentamento da dependência química e da criminalidade associada ao tráfico. O material produzido é de extrema importância para laboratórios oficiais de perícia, de controle de dopagem e de análises clínicas que atendem dependentes químicos e para os centros que fazem pesquisas com drogas, para citar alguns exemplos.

Na opinião do perito Fortes, o esforço de colocar o projeto em prática valeu a pena: "O ganho não é só o produto final, mas o fato de que isso também pode refletir no tratamento do consumidor. Também é uma garantia ao judiciário, que terá provas materiais bastante sólidas. Não pretendemos encerrar a pesquisa aqui".

Rafaela Pechansky, estudante do 7.º semestre de Jornalismo da Fabico



O Brasil nas crônicas de Millôr

Lançamento

Livro analisa a produção do autor durante o período de abertura política do país

Uma análise sociológica da produção de Millôr Fernandes durante o período de redemocratização do Brasil. É essa a proposta do livro *Millôres dias virão*, elaborado a partir da tese de doutorado em Letras de Breno Serafini, apresentada na UFRGS. O autor se vale de publicações nas revistas *Istoé* e *Istoé/Senhor* dos anos de 1983 a 1992, para compreender uma fase de incertezas do país e o próprio legado do humorista, falecido em março do ano passado.

Brasil em transição – As crônicas analisadas continham uma forte crítica às contradições da sociedade brasileira que saía do regime militar. Tal posicionamento crítico já fora exercido pelo autor durante a ditadura militar em publicações como *O Pasquim*. No entanto, o período de transição originou uma nação com diversos questionamentos sobre a sua identidade, os quais se tornaram tema constante dos textos de Millôr.

“Que tipo de nação poderia ser reconstruído a partir dos escombros da ditadura? Que contradições estavam escondidas na couraça da luta comum contra o autoritarismo? Como se daria o papel do cidadão comum e de seus representantes na realização da vida republicana brasileira?” Breno Serafini expõe essas questões e explica de que modo Millôr atacava os costumes dessa sociedade com humor e irreverência.

Estética fragmentada – Em seu mestrado, o autor já havia estudado o período de abertura política a partir das crônicas de Luis Fernando Verissimo. Analisar a obra de Millôr acabou sendo uma consequência natural, ainda mais pelo fato de não ter encontrado na academia um estudo da



CIVILIZA BRITO/CPDOC/IB

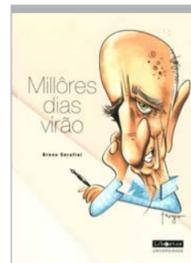
produção do dramaturgo e jornalista, além daqueles voltados à resistência à ditadura. Ele conta que foi um desafio trabalhar com as crônicas do humorista, devido à sua atuação multimídia. “É difícil chamar de crônica o que Millôr fazia, porque ele reúne texto, ilustração, poema e fábula em um mesmo espaço. É o que eu chamo de craquelê”, explica.

Essa estética fragmentada seria consequência também da crise ideológica vivida no período, em que o próprio escritor não torna absoluto seu ponto de vista e deixa sua obra aberta a múltiplas interpretações. Entretanto, Breno faz questão de salientar que, apesar de sua experiência multifacetada, Millôr sempre voltava à questão do texto, lembrando-se de um provérbio que ele citava com frequência: “Uma imagem vale mais que mil palavras, mas

tenta dizer isso com uma imagem”. E é justamente esse o enfoque principal da obra, o texto de Millôr, tanto que Breno não considerou importante incluir no livro as ilustrações.

Levando Millôr a sério – Nos cinco capítulos, o leitor poderá compreender como Millôr, explorando as contradições brasileiras, alcançou a expressão do homem universal. Por vezes, suas críticas ao poder e às instituições não foram levadas a sério devido ao uso que fazia do humor. Mas, para Breno, é justamente o riso que questiona “o outro lado da coisa” e, nesse sentido, faz do humorista um ensaísta e mesmo um historiador de sua época. “Acho que Millôr foi um dos maiores pensadores do Brasil”, sustenta.

No total, em *Millôres dias* Breno reúne e analisa 520 crônicas, o que de-



Millôres dias virão

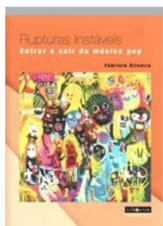
Breno Serafini
Porto Alegre: Libretos, 2013
212 páginas
R\$ 28 (valor médio)

mandou um grande trabalho de coleta em diversas bibliotecas e acervos. “Não havia no país a reunião desses textos. A vantagem é que, no processo de coleta, pude ir sistematizando, pensando e refletindo sobre o que eu queria para a minha pesquisa”, conta.

O resultado é um texto profundo e ao mesmo tempo leve e divertido. Embora carregado de teoria, acaba fugindo ao padrão das produções

acadêmicas. Essa descontração já fica evidenciada no próprio trocadilho que dá nome ao livro. Segundo Breno, não justificaria fazer um texto sério e sisudo sobre Millôr – “ele não me perdoaria” –, o que também foi incentivado por sua orientadora, a professora Maria da Glória Bordini.

Júlia Corrêa, estudante do 5.º semestre de Jornalismo da Fabico



Rupturas instáveis - entrar e sair da música pop

Fabrício Silveira | Porto Alegre: Libretos, 1.ª edição, 2013
160 páginas | R\$ 25 (valor médio)

Resgatando o rock

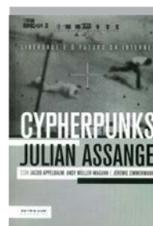
Verificar o nível das instabilidades e dos rompimentos culturais propostos pelo rock ao longo dos anos: esse é o objetivo deste lançamento. O trabalho é um verdadeiro resgate dessa forma de arte ignorada do cenário artístico dos últimos 60 anos. O tema é analisado sob um viés comportamental e, sobretudo, estético, a partir de artigos escritos entre janeiro de 2011 e agosto de 2012, apresentados em diversos congressos do campo da Comunicação. Os textos – alguns já publicados anteriormente como artigos independentes em livros ou revistas acadêmicas – analisam a produção de artistas pop (músicos e bandas de rock, em especial) que não são representantes daquele gênero que fomos acostumados a ouvir e a reconhecer nas últimas décadas. “Eu procurei destacar artistas, conjuntos e álbuns que vão flertar com sonoridades muitas vezes alheias ao pop: dá o título do livro”, resume o autor.

Fabrício, jornalista, professor e pesquisador junto ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, discute algumas experiências sonoras muito inusitadas levadas a cabo por Lou Reed, Napalm Death, Lightning Bolt, Radiohead e R.E.M. A partir da Teoria das Materialidades da Comunicação, ele trata do emaranhado universo de sons e ruídos com os quais esses artistas plantaram e cultivaram suas “selvas sonoras”. A compilação é dividida em sete capítulos e relaciona conceitos como agenciamento midiático, sonoridades extremas

e efeitos estéticos. Um dos primeiros pontos apresentados é a discussão em torno da questão da *cultura pop* e suas diferentes abordagens e influências, como a cultura de mercado e do entretenimento.

Segundo o autor, vivemos em um momento propício para tais reflexões, em função da gradual abertura no meio acadêmico ao estudo da cultura pop enquanto fenômeno comunicacional. “Meu trabalho se dá também no sentido de entrar nesta discussão, de me atualizar em relação a ela, de colaborar para ampliá-la”, comenta Fabrício. A motivação para abordar o assunto também é, em parte, de ordem pessoal. “Estes temas, os conjuntos-casos aqui tratados, compuseram, sem dúvida, uma espécie de trilha sonora da minha vida, e não só da minha vida, mas das últimas décadas de vida de muitas pessoas”, confessa o pesquisador.

Ao compor esse mosaico sonoro, Fabrício reitera sua predileção por expressões das culturas urbanas dotadas de alguma marginalidade – presentes também em seus livros anteriores. “O que resulta é um conjunto de experiências dadas em torno ou a partir da música pop, mas que, muito paradoxalmente, propõe níveis de rompimento, de questionamento e crítica, muitas vezes contundente, do que entendemos como sendo o pop radiofônico, vendável ou consumido em grande escala. Ou seja: fui buscar o pop mais apimentado e menos adocicado possível”, ressalta. (Rafaela Pechansky)



Cypherpunks: liberdade e o futuro da internet

Julian Assange (et al) | São Paulo: Boitempo, 2013
164 páginas | R\$ 29 (valor médio)

Quem controla o vigia?

Este é o primeiro livro do jornalista e editor chefe do WikiLeaks a ser publicado no Brasil e traz o resultado das reflexões de Assange com um grupo de pensadores e ativistas que atuam nas linhas de frente da batalha em defesa do ciberespaço, da transparência e da liberdade de expressão (Jacob Appelbaum, Andy Müller-Maguhn e Jérémie Zimmermann).

Para o australiano, que desde o ano passado está asilado na embaixada do Equador em Londres, a rede mundial de computadores é espaço de disputa política. Na apresentação da obra, assinada pela jornalista Natália Viana, o autor explica por que acredita na militarização da internet: “Quando nos comunicamos por internet ou telefonia celular, que agora está imbuída na internet, nossas comunicações são interceptadas por organizações militares de inteligência. É como ter um tanque de guerra dentro do quarto”. Nesse sentido, o prefácio de Assange, especialmente dirigido aos leitores latino-americanos, alerta que a vigilância não constitui apenas um problema para a democracia e para a governança, mas também representa um problema geopolítico. “Todo mundo sabe que o petróleo orienta a geopolítica global. O fluxo de petróleo decide quem é dominante, quem é invadido e quem é excluído da comunidade global. O controle físico até mesmo de um segmento de oleoduto resulta em grande poder geopolítico. E os governos que se veem nessa posição são capazes de conseguir enormes concessões.” Assange sustenta seu raciocínio

lembrando que, de um só golpe, o Kremlin é capaz de condenar o leste europeu e a Alemanha a um inverno sem aquecimento. Para ele, a mesma coisa acontece com os cabos de fibra óptica: a próxima grande alavanca no jogo geopolítico serão os dados resultantes da vigilância total de todas as comunicações.

Nesse sentido Jérémie Zimmermann argumenta que, mesmo que seja possível admitir alguns usos legítimos para a chamada vigilância tática – investigadores atrás de criminosos e de suas redes poderiam precisar usar ferramentas como essas sob a supervisão da autoridade judicial –, a questão é em que ponto traçar os limites para essa supervisão judicial. Em última instância, em que ponto estabelecer os limites para o controle que os cidadãos podem ter sobre a utilização dessas tecnologias.

Ao tratar desse tema no campo da economia Assange observa que os países que possuem uma legislação regulando quais deveriam ser os alvos de suas principais agências de espionagem eletrônica – agências como a National Security Agency (NSA) dos Estados Unidos – alteraram essa legislação para incluir a inteligência econômica. “Digamos, por exemplo, que a Austrália e os EUA estejam competindo por um acordo comercial referente ao trigo. Eles bisbilhotam todas as pessoas envolvidas no acordo. E já faz algum tempo que isso vem acontecendo, mas ninguém se importa muito, porque estão todos fazendo, de qualquer maneira”, conclui o ativista. (Ánia Chala)



Todos somos Orfeu

FLÁVIO NUTRA/JU



Estudantes fazem a preparação cênica para o espetáculo, que estreia no final deste mês

Ópera na UFRGS
Marco da música no Ocidente, a obra de Monteverdi será encenada na segunda edição de projeto lançado há um ano

Samantha Klein

Quem nunca se perdeu em lágrimas por um amor que se foi por excesso de vaidade ou covardia? Quem nunca teve de se levantar do pranto para reconquistar a pessoa amada e mais uma vez perdê-la para sempre? Todos temos um pouco de Orfeu, o deus grego que experienciou uma tragédia humana. Ele podia estar transvestido em fortaleza ou vulnerabilidade, como qualquer um de nós. Com a ideia de aproximar o espetáculo do público do século XXI, bem diferente daquele da época em que Claudio Monteverdi inaugurou um conceito para a música ocidental, a segunda edição do projeto Ópera na UFRGS aposta na realidade sem perder o panorama musical do começo do século XVII. Com foco no público e nos estudantes que têm a oportunidade de encenar pela primeira vez um espetáculo operístico, todos tenderão a se identificar com o mito.

Eurídice de verdade – Durante a adolescência, quando era vocalista de uma banda de rock de garagem, nem imaginava que um dia cantaria música lírica, muito menos ópera. Por influência de uma professora de canto, a cantora lírica largou o Jornalismo para ingressar no bacharelado em Música. “Sempre vou lembrar da Luciana Kiefer e hoje tenho a felicidade de tê-la como professora novamente. O incentivo dela me abriu as portas, e agora estou aqui ensaiando essa tragédia que emocio-

na qualquer um”, conta Débora Elisa Sydow, aluna do curso de bacharelado em Música, metamorfoseada em Eurídice, a bela mulher pela qual Orfeu se apaixonou.

Tímida, Débora conta que a orientação dos professores do Teatro a fez mergulhar na personagem da amada pelo deus da lira. Sem perceber, a estudante já é tão atriz quanto cantora. “No começo, me sentia travada ou começava a cantar e esquecia a personagem. No canto a expressão se restringe ao rosto e às mãos, já na ópera a expressão é corporal. É uma entrega, ficamos inteiramente imersos na história. Quando piso no palco não sou mais a Débora, sou a personagem. No primeiro ensaio geral, precisei me controlar para não me emocionar ao ponto de não poder cantar. Eurídice quer tanto estar com seu amado, mas tudo vai convergindo para a tragédia. Preciso me manter firme, cantando.” Meio Eurídice, meio Orfeu, a Débora real se identifica com o mito. “Já me senti como eles. Acho que todo mundo já viveu uma história com final inesperado ou trágico”, revela sorrindo de forma a disfarçar as memórias.

Tai chi chuan – Ao buscar preencher uma lacuna na formação dos alunos do Instituto de Artes (IA) com a encenação de óperas, tradição retomada na instituição na metade do ano passado com *Dido e Eneias*, Camila Bauer, diretora cênica de *Orfeu*, explica que o principal obstáculo é a diferença entre uma peça teatral e uma obra operística. “A presença dos atores no palco é completamente diferente. Dirijo teatro tradicional em que eles estão acostumados a construir um personagem e incorporá-lo. Mas, numa ópera, quem são eles? É um conjunto híbrido que vai se desdobrando em vários personagens ao longo da apresentação: são os pastores, os seres do barco de Caronte (barqueiro de Hades, deus dos mortos) ou ainda os seres furiosos de Tártaro (inferno ou local onde habitam os mortos) que depois ressurgem na dança do lamento de Orfeu após a perda de Eurídice. Os cantores atuam, os atores dançam, então, todos ajudam a construir a cena. É o oposto de uma peça e exige um preparo

muito intenso”, relata Camila Bauer.

Com uma música completamente diferente daquela a que o público está acostumado, já que poucas são as apostas em óperas completas no estado e no país, quem se anima a montar um espetáculo também é incentivado a propor alternativas para popularizar o drama musicado. Quanto ao italiano antigo cantado, não haverá barreiras para o público. Para garantir o entendimento, a ópera será legendada, assim como na experiência com *Dido e Eneias*, de Henry Purcell, que foi cantada em inglês. “Uma vez que se trata de uma tragédia narrada por meio da música, as pessoas precisam saber o que está sendo cantado, mesmo porque o personagem fará determinadas pontuações em momentos cruciais que marcam as cenas mais dramáticas”, observa a professora do Departamento de Música do Instituto de Artes Lúcia Carpena.

A montagem ainda é interdisciplinar, envolvendo alunos da dança, com

“Queremos deixar a montagem o mais popular e dinâmica possível”

Camila Bauer

a inclusão de obras artísticas do Departamento de Artes Visuais do IA. Em um pano de fundo para a ação, a projeção de esculturas de argila vai se decompor em água para formar uma atmosfera mais moderna, mas igualmente dramática. A escolha pelo drama de Orfeu se deu em função da importância da obra para a música do mundo ocidental numa Itália renascentista, mas também pela dramaticidade humana do amor partido entre o deus da lira e Eurídice.

Criada para ser encenada na corte de Mântua do começo do século XVII, a releitura moderna promete cativar o público que encheu o Auditorium Tasso

Corrêa para as oito apresentações de *Dido e Eneias* em 2012. “Ainda hoje, a tradição da ópera está ligada a um elitismo: poder assistir ao espetáculo em outros países. Em oposição a isso, estamos tentando deixar a montagem o mais popular e dinâmica possível. Queremos desmistificar a cena, fazer com que qualquer pessoa possa assistir, por isso colocamos algumas intervenções de texto e projeções com falas mais cotidianas em oposição à música de Monteverdi”, relata a diretora cênica.

Já para conferir leveza aos movimentos dos cantores, os alunos tiveram aulas de tai chi chuan. Assim, pastores e ninfas reinventam a expressão gestual da performance criada no começo do século XVII. “O objetivo era tornar os solistas mais maleáveis com a adaptação de movimentos básicos dessa arte marcial justamente porque havia o desafio de trabalhar a parte corporal com alunos que não são do teatro. Por outro lado, resolvi aplicar elementos orientais para manter a atmosfera não realista da ópera e ao mesmo tempo modernizar as cenas”, explica Camila.

Outra influência do Oriente chega em passos de dança. O butô, que conecta a cultura japonesa às influências ocidentais pós-Segunda Guerra, assim como aos movimentos modernistas do expressionismo e surrealismo, sem perder a tradição milenar, foi escolhido como forma de experimentação. Quando Orfeu consegue chegar ao mundo inferior para convencer Hades a liberar Eurídice da morte, as Fúrias, violentas deusas guardiãs das leis da natureza e da ordem das coisas, atacam o deus da lira com os movimentos da dança. A responsável pela direção cênica explica que esse “choque formal” com trechos de teatro intercultural não rompe com a tradição operística. “A coreografia das Fúrias é inspirada nos movimentos misteriosos do butô para trazer à ópera certo distanciamento da realidade.”

Preparação musical – A experimentação tem mais espaço na montagem coreográfica do que no cenário do canto. No esforço de manter o panorama musical do Renascimento italiano, alguns meses distanciam o início dos

ensaios até a apresentação de *Orfeu* no final deste mês. O *drama per musica* é encenado totalmente em italiano, conforme o libreto original de Alessandro Striggio. “Nosso esforço é para cantar essa música de acordo com o código daquela época, sem contaminá-la com valores mais modernos, a fim de não desfingurar a canção. Como é um canto falado, nem todas as palavras têm a mesma importância, por isso cada cantor precisa saber exatamente o que deve enfatizar para manter a característica da música de Monteverdi, assim como a dramaticidade da cena”, ressalta a diretora musical Lúcia Carpena.

Mesmo com uma leitura contemporânea, a perspectiva da montagem interdisciplinar mantém os elementos originais do libreto, como o prólogo alegórico de *La Musica*. “Essa alegoria introduz a ópera e a festa de casamento entre Orfeu e Eurídice. Antes disso, temos a tocata, uma música de abertura do espetáculo que na época era conhecida como um emblema musical da família Gonzaga, justamente quem financiou a ópera. *La Musica* ainda apresenta o cenário da Trácia (antiga região no sudoeste da Europa localizada entre a Bulgária, Grécia e Turquia) com seus pastores e ninfas. Até mesmo a expectativa pela aparição de Orfeu será mantida assim como no original de Monteverdi”, adianta a professora.

Agende-se

A curta temporada de Orfeu terá oito récitas com estreia em 25 de julho, às 20h, no Auditorium Tasso Corrêa do Instituto de Artes (Rua Senhor dos Passos, 248). As demais apresentações ocorrem no mesmo local nos dias 26, 27, 28 de julho e de 1.º a 4 de agosto. De quintas a sábados, as sessões iniciam às 20h. Aos domingos, às 19h.

► **Redação** Ánia Chala | Fone: 3308-3368 | Sugestões para esta página podem ser enviadas para jornal@ufrgs.br

DESTAQUE



Sala Redenção volta a funcionar

Cinema Após cinco meses, espaço reabre com ciclo de Federico Fellini

Com uma série de readequações e reparos visando ampliar a segurança, o cinema universitário Sala Redenção reabre no dia 1.º deste mês, apresentando um ciclo dedicado à obra de Federico Fellini. Segundo Tânia Cardoso de Cardoso, coordenadora da Sala, esse ciclo estava programado originalmente para março e agora foi resgatado.

Ela esclarece que o Departamento de Difusão Cultural decidiu suspender a programação logo após a tragédia ocorrida em Santa Maria, pelo fato de o espaço não possuir uma saída de emergência. “Isso nos causou uma grande preocupação, pois achamos que o nosso plano de segurança estava defa-

sado. Mas, na verdade, não foi o que se constatou depois que as empresas contratadas avaliaram a Sala. Os laudos apontaram a necessidade de pequenas adequações, como a troca dos extintores de incêndio e a mudança das sinalizações de luz. Quanto à saída de emergência, nosso maior motivo de preocupação, constatou-se que, pelo tamanho do espaço, não havia necessidade de qualquer adaptação, já que as portas são muito maiores do que o exigido pela legislação”, esclarece. Ela acrescenta que o período de fechamento também foi aproveitado para melhorar o isolamento acústico do lugar e refazer a pintura interna. Conforme a coordenadora,

o público que costuma frequentar o cinema universitário mantém uma relação muito próxima com a administração da Sala por meio da página do Facebook: “Os alunos, em especial, sempre nos escrevem sugerindo os filmes que gostariam de ver exibidos. Eles criticam, agradecem, brincam”.

Inaugurada em 1987, a Sala dispõe atualmente de um equipamento de projeção digital adquirido no segundo semestre em 2012 e também possui um projetor de 35 milímetros, o que possibilita a exibição de filmes em película, em DVD ou em Blue-Ray.

Sessões em rede – Tânia adianta que está em fase de testes um projeto para a criação de um consórcio de cinemas via Rede Nacional de Pesquisa (RNP), englobando cinco salas de projeção. “Essa iniciativa implica a instalação de um equipamento que permitirá o compartilhamento de conteúdos. Com isso, poderemos oferecer uma programação que será exibida simultaneamente em outras quatro salas: o cinema da UFBA, o Cine USP, a Cinemateca Brasileira e a Fundação Joaquim Nabuco. Além de poderem compartilhar conteúdos, essas instituições irão constituir um acervo comum.”

A coordenadora observa que um dos objetivos do projeto é fazer com que os acervos da Cinemateca Brasileira, bem como as produções dos novos realizadores de cada cidade, possam circular. “Em longo prazo, a ideia da RNP é poder realizar sessões em cidades onde ainda não há uma estrutura adequada. Também se planeja tornar possível não só o compartilhamento de conteúdo, mas também a realização de debates em tempo real com a participação do público dessas diferentes salas”, esclarece Tânia. O primeiro teste deverá ocorrer em agosto.

CINEMA

Mostra Federico Fellini

A Sala Redenção exibe uma seleção de clássicos do diretor italiano, com curadoria de Tânia Cardoso de Cardoso. Sessões com entrada franca.



MULHERES E LUZES (*Luci del varietà*, Itália, 1950, 93 min) No início dos anos 50, trupe de saltimbancos percorre a Itália. Sessões: 1.º de julho, 16h; 5 de julho, 16h

ABISMO DE UM SONHO (*Lo Sceicco Bianco*, Itália, 1952, 90 min) Durante a lua de mel, jovem esposa tenta conhecer o herói de sua fotonovela favorita. Sessões: 1.º de julho, 19h; 2 de julho, 16h

OS BOAS-VIDAS (*I Vitelloni*, Itália, 1953, 109 min) Numa pequena cidade da Itália, cinco amigos vivem de forma boêmia, repleta de bebidas e mulheres. Sessões: 2 de julho, 19h; 3 de julho, 16h

A ESTRADA DA VIDA (*La Strada*, Itália, 1954, 100 min) Garota ingênua é vendida por sua mãe a um artista que se apresenta arrebentando correntes. Sessões: 5 de julho, 19h; 8 de julho, 16h

NOITES DE CABÍRIA (*Le Notti di Cabiria*, Itália, 1957, 117 min) Prostituta tenta acreditar na boa-fé das pessoas, mas sempre acaba levando a pior. Sessões: 8 de julho, 19h; 10 de julho, 16h

A DOCE VIDA (*La Dolce Vita*, Itália, 1960, 173 min) Jornalista que vive entre as celebridades da badalada Via Veneto descobre um novo sentido para a sua vida. Sessões: 9 de julho, 19h; 10 de julho, 16h

A TRAPAÇA (*Il Bidone*, Itália, 1955, 104 min) Trio de trapaceiros aplica golpes em gente simples, até que o mais ve-

PALESTRA

Entre a Lente e o Lápiz: as Mediações Possíveis

Projeto que propõe a mediação entre a ciência e a não ciência.

A JUSTIÇA NA CIDADE: O QUE ISTO SIGNIFICA? Conferência de Lívia Piccinini, pesquisadora da Faculdade de Arquitetura da UFRGS. Data: 10 de julho Local e horário: Sala João Fahrion, 19h Entrada franca

EXPOSIÇÃO

Harcourt, escultor de Luz

Mostra do projeto Unifoto em parceria com a Aliança Francesa de Porto Alegre que traz fotos de personalidades do mundo da cultura, das ciências, dos esportes e da vida pública, produzidas pelo estúdio que se especializou num estilo de retrato associado ao cinema da era de ouro. Visitação: até 26 de julho Local e horário: saguão da reitoria, de segunda a sexta, das 8h às 18h Entrada franca

lho começa a repensar suas atitudes quando reencontra sua filha. Sessões: 11 de julho, 16h; 12 de julho, 16h

8 E MEIO (8 ½, Itália, 1963, 145 min) Cineasta em crise é assombrado por recordações inquietantes de sua vida. Sessões: 12 de julho, 19h; 15 de julho, 16h

JULIETA DOS ESPÍRITOS (*Giulietta degli Spiriti*, Itália, 1965, 148 min) Ao descobrir a traição do marido, mulher inicia jornada de autodescoberta em que sonho e realidade se misturam. Sessões: 15 de julho, 19h; 16 de julho, 16h

SATYRICON (*Fellini Satyricon*, Itália, 1969, 128 min) Livre adaptação de Fellini da peça *Petronius*, que faz uma crônica da vida na Roma antiga. Sessões: 16 de julho, 19h; 17 de julho, 16h

OS PALHAÇOS (*I Clowns*, Itália, 1970, 90 min) Documentário que resgata a história do circo ao mesmo tempo que comprova sua decadência. Sessões: 18 de julho, 16h; 19 de julho, 16h

ROMA DE FELLINI (*Roma*, Itália, 1972, 128 min) Um passeio pela capital italiana, revelando sua arquitetura, seus moradores e seus mistérios subterrâneos. Sessões: 19 de julho, 19h; 22 de julho, 16h



AMARCORD (*Amarcord*, Itália, 1973, 125 min) Através dos olhos de um garoto, o diretor dá uma olhada na vida familiar, religiosa, educação e política dos anos 30, quando o fascismo era a ordem dominante. Sessões: 22 de julho, 19h; 23 de julho, 16h

O CASANOVA DE FEDERICO FELLINI (*Il Casanova di Federico Fellini*, Itália, 1976, 169 min)

TEATRO

Mostra de Teatro DAD 2013/1

Apresentação de espetáculos concebidos pelos alunos do curso de Teatro do Instituto de Artes da Universidade. Sessões às 19h30, na Sala Alzira Azevedo, com entrada franca.

RESILIÊNCIA Três mulheres revelam seus segredos, criando um jogo de cena entre as personagens e a atriz que as interpreta. A peça foi criada no âmbito da disciplina Estágio de Atuação I pela aluna Luiza Sansone, com orientação das professoras Laura Backes e Celina Alcântara. Sessões: 4, 5 e 6 de julho

AS MOÇAS Duas mulheres não con-

seguem exprimir seus desejos e angústias. Espetáculo produzido para a disciplina de Estágio de Atuação pela aluna Carolina Ramos, com adaptação do texto de Isabel Câmara e orientação do professor Clóvis Massa. Elenco: Carolina Ramos e Ariane Mendes Sessões: 8 e 9 de julho

O CASAL PALAVRAKIS – MOSTRA DE PROCESSO O cotidiano de um jovem casal que precisa lidar com a responsabilidade do nascimento de sua primeira filha. A peça resulta do trabalho do aluno Paulo Roberto Farias para a disciplina de Estágio de Atuação II. Orientação das professoras Marta Isaacson e Mirna Spritzer. Direção: Maurício Casiraghi. Elenco: Mariana Rosa e Paulo Roberto Farias

OS PALHAÇOS (*I Clowns*, Itália, 1970, 90 min) Documentário que resgata a história do circo ao mesmo tempo que comprova sua decadência. Sessões: 18 de julho, 16h; 19 de julho, 16h

E LA NAVE VA (*E la Nave Va*, Itália, 1985, 128 min) Navio que transporta as cinzas de cantora lírica para sua terra natal interrompe a viagem para socorrer refugiados da recém-declarada Primeira Guerra. Sessões: 29 de julho, 19h; 30 de julho, 16h



GINGER E FRED (*Ginger & Fred*, Itália, 1986, 125 min) Programa televisivo reúne casal de veteranos dançarinos que apresentam um número musical imitando a dupla Fred Astaire e Ginger Rogers. Sessões: 30 de julho, 19h; 31 de julho, 16h

ENTREVISTA (Entrevista, 1987, 107 min) Irreverente e nostálgica incursão pelos personagens criados por Fellini ao longo de sua carreira. Sessão: 31 de julho, 19h

Sessões Acessíveis na Sala Redenção

Exibição de filmes nacionais com recursos de acessibilidade. Promoção da Sala Redenção e do Núcleo Interdisciplinar Pró-acessibilidade Cultural em parceria com a Mil Palavras Acessibilidade Cultural.

Sessões: 11, 12 e 13 de julho

BONNIE E CLYDE A trajetória de crimes do casal durante a Grande Depressão nos EUA. Estágio de Montagem II do aluno Luís Fabiano de Oliveira, que responde pela direção e dramaturgia. No elenco: Anildo Bões, Gabriela Tavares, Natália Xis e Suzana Witt. Orientação da profa. Marta Isaacson Sessões: 15, 16 e 17 de julho

TEORIA BANG BANG Como o ato de pesquisar se relaciona com o ato de performar? Essa questão é abordada no espetáculo que tem orientação da profa. Suzi Weber. Elenco: Di Nardi e Gabriela Chultz Sessões: 19 e 20 de julho



TROPICÁLIA (Brasil, 2012, 88 min), de Marcelo Machado Depoimentos, raras imagens de arquivo e canções compõem este documentário sobre um dos maiores movimentos culturais do Brasil. Sessões: 3 de julho, 19h, com AD; 10 de julho, 19h, com legenda

Cinema pela Verdade

Mostra simultânea realizada em universidades dos 27 estados do Brasil pelo Instituto Cultura em Movimento em parceria com o Ministério da Justiça. Sessões gratuitas e com debates na Sala Redenção.

NO (Chile/França, EUA, 2012, 110 min), de Pablo Larraín Os bastidores da campanha que pôs fim à ditadura de Augusto Pinochet. Debatedor: Aragon Érico Dasso Jr. (Escola de Administração - UFRGS) Sessão: 4 de julho, 19h

INFÂNCIA CLANDESTINA (Argentina/Espanha/Brasil, 2011, 112 min), de Benjamín Ávila Durante a ditadura argentina, jovem tem de manter as aparências pelo bem de sua família. Debatedora: Fernanda Melchiona (Comissão de Direitos Humanos da Câmara de Vereadores de POA) Sessão: 11 de julho, 19h

MARIGHELLA (Brasil, 2012, 100 min), Isa Grinspun Ferraz Documentário que apresenta o político e guerrilheiro a partir da memória afetiva familiar. Debatedor: Laurence Würdig Gonçalves (prof. de história contemporânea) Sessão: 18 de julho, 19h

EU ME LEMBRO (Brasil, 2012, 96 min), de Luiz Fernando Lobo A história dos anos de chumbo no Brasil a partir de depoimentos dos derrotados pelo golpe. Debatedor: Jair Kriskhke (Movimento de Justiça e Direitos Humanos) Sessão: 25 de julho, 19h

ONDE?

► **Auditorium Tasso Corrêa** Senhor dos Passos, 248 Fone: 3308-4318

► **Saguão da Reitoria** Paulo Gama, 110 - térreo Fone: 3308-3933

► **Sala Alzira Azevedo** Salgado Filho, 340 Fone: 3308-4318

► **Sala João Fahrion** Paulo Gama, 110 - 2.º andar Fone: 3308-3034

► **Sala Redenção** Luiz Englert, s/n.º Fone: 3308-3933

► **Salão de Atos** Paulo Gama, 110 Fone: 3308-3058

MÚSICA



Unimúsica 2013 – Série Lusamérica, Canções

A cantora Susana Travassos e o compositor e violonista Chico Saraiva interpretam o repertório do disco *Tejo-Tietê*. Com produção musical de Paulo Bellinati, o trabalho reúne canções originais de Chico em parceria com Luiz Tatit, Clóvis Beznos, Brisa Marques e Tiago Torres da Silva, além de obras-primas do cancionário português e brasileiro.

ENCONTRO COM OS ARTISTAS Data: 3 de julho Local e horário: Sala II do Salão de Atos, 20h Inscrições pelo site www.difusaocultural.ufrgs.br

SHOW TEJO-TIETÊ Data: 4 de julho Local e horário: Salão de Atos, 20h Entrada franca com retirada de senhas mediante a doação de 1 kg de alimento não perecível por ingresso a partir de 1.º de julho, no mezanino do Salão de Atos da UFRGS ou pelo site www.difusaocultural.ufrgs.br

Festivais Internacionais da Canção

Apresentação do Coro Sênior da UFRGS com regência de Paulo Henrique Winterle. Coordenação: Prof. Wilson Gavalhão Data: 7 de julho Local e horário: Auditorium Tasso Corrêa, 17h30 Entrada franca

Som no Salão 2013

Iniciativa da Pró-reitoria de Extensão que propõe promover a acessibilidade e firmar uma ação cultural para o Salão de Atos de acordo com a política cultural da Universidade.

TERMINAL 470 O grupo formado por J. Fidélis (cantor e MC), Duplo M (MC) e KBÉ (MC) faz um hip hop bem musical com rimas, frases e refrões, cantados com um conteúdo poético urbano e social. Data: 24 de julho Local e horário: Salão de Atos, 20h Entrada franca mediante a doação de 1 kg de alimento não perecível no dia do show.

Interlúdio

Projeto que propõe um momento de pausa e de escuta por meio de recitais realizados ao meio-dia e trinta no Câmpus Centro.

UM TEMPO PARA CHOPIN Os pianistas Maria Eduarda Vieira e Celso Barruffi irão interpretar obras do compositor polonês. Ambos cursam o Bacharelado em Piano na UFRGS sob orientação da professora Cristina Capparelli Gerling. Data: 26 de julho Local e horário: Salão de Atos, 12h30 Entrada franca

Meu Lugar na UFRGS

FOTOS: FLÁVIO DUTRA/JU



Zelando por nosso patrimônio

Ao entrar no prédio da reitoria da UFRGS, encontramos, se não na porta, no saguão, Alaur. Com o seu uniforme azul e preto da empresa de segurança, Alaur Rodrigues está sempre sorridente, seja de manhã ou de tarde.

Antes de se tornar vigilante, era repositor comercial. Trabalhando em um mercado no bairro Menino Deus, Alaur conheceu pessoas que atuavam na área de segurança em empresas terceirizadas. Elas o convidaram para mudar de profissão. "Acharam que eu tinha postura, um comportamento que despertava atenção para ser um guarda e que eu iria me encaixar nesse perfil", relembra. Depois de pensar sobre a proposta, fez o curso de formação de vigilante e entrou para uma empresa. Trabalhou durante cinco anos na antiga CRT e viveu toda a transição até a empresa ser privatizada. Quando a Rudder Segurança assumiu o contrato com a empresa de telefonia, ele passou a fazer parte do quadro de funcionários.

Ele lembra que foi por meio da mesma empresa de segurança que ingressou na Universidade: "Eu estava na reserva da empresa e surgiu a oportunidade porque um companheiro de trabalho estava tirando férias". Alaur assumiu o posto de vigilante do pátio da UFRGS, enquanto seu colega estava de folga. Transcorridos esses trinta dias, recebeu a oportunidade de trabalhar no prédio da Faculdade de Educação. Depois de quase dois anos por lá, Alaur conta que "surgiu outra oportunidade mais interessante ainda, que era a de trabalhar no saguão da reitoria. Chegando aqui, presenciei esse ambiente maravilhoso, lindo". Ele explica que foi se adaptando à rotina aos poucos e se acostumando ao ambiente. "Surgiu essa paixão pelo saguão da reitoria, pelo quadro de funcionários, pelos alunos que estão chegando e vêm, por exemplo, pedir informação sobre onde fazer a matrícula, enfim, por todo o embalo da rotina". Por ser um espaço sujeito a mudanças de cenário, é um lugar que traz um dia a dia diferenciado e também situações inesperadas. Ele comenta que "há momentos difíceis, mas existem os bons também. No fim das contas, a gente sempre chega ao final do objetivo, que é sair todo mundo satisfeito, ou quase satisfeito".

Uma das cenas mais engraçadas que o vigilante já presenciou ocorreu durante um Salão UFRGS, quando o professor Francisco

de Assis de Almeida Junior, do Departamento de Arte Dramática, vestiu-se de cangaceiro para apresentar uma peça com outro colega que também tinha um cavalo. Era uma fantasia em que parecia que ele estava montado no animal. "Naquele momento, o colega simulava que o cavalo estava comendo as folhagens que nós temos aqui no saguão da reitoria. O pessoal que passava achava graça", lembra Alaur em meio a risos. Ele revela que as exposições regularmente apresentadas no prédio também chamam bastante a sua atenção.

Ele considera que o maior desafio em seu trabalho é "entrar, assumir um turno, pois a gente não sabe o que vem adiante. Mas trabalhamos de forma preventiva, no sentido de já estar preparado bem adiante". Ele conta que quando há algum problema fora da Universidade, fica preocupado com a comunidade interna: "A gente fica um pouco agoniado e acaba sentindo aquilo que as pessoas sofrem, como os assaltos no entorno do câmpus, por exemplo. Como a nossa rotina é interna, muitas vezes a gente não consegue atender a esse tipo de coisa". Sempre tentando ajudar, explica que auxilia no registro de uma ocorrência e encaminha a pessoa à delegacia mais próxima. "Antes de mais nada, nós procuramos ter calma e bom senso. Surge sempre um acordo de como a situação vai ser conduzida", explica, ao lembrar de alguns tumultos que presenciou.

"O principal motivo da minha felicidade é que, toda vez que saio daqui em direção à minha casa, eu fico lembrando o meu dia. E todos os dias tem uma história nova. Se fosse falar de todas, dava pra escrever um livro", conta Alaur. Seus momentos felizes no trabalho são gratificantes. Para ele, cuidar do saguão, acompanhar as pessoas fazendo fotos ou montando uma nova exposição, testemunhar a alegria dos pais ao verem os filhos se formando, atender ao público, tudo isso é muito compensador. Por poder participar de todos esses momentos, o saguão da reitoria é o lugar de Alaur Rodrigues.

Manuela Ramos, estudante do 4.º semestre de jornalismo da Fabico

Esta coluna é uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas serão exibidos no Canal 15 da NET diariamente às 20h e às 23h.

Perfil

Sempre há um jeito

Trajatória

Desde criança, Cláudio Dusik foi instigado a buscar soluções próprias para cada desafio

Jacira Cabral da Silveira

O professor entra na sala, deposita seus livros sobre a mesa e escreve alguma coisa no quadro negro, como faz todos os dias. Ao ler seu nome grafado na lousa, Lucas levanta de seu lugar e se transfere para a classe ao lado de Cláudio, o colega cadeirante, de quem seria ajudante naquele dia, seja para auxiliar nas tarefas de sala de aula, seja para acompanhá-lo nas brincadeiras de pátio na hora do recreio.

Isanir, então professor da turma de terceiro ano do ensino fundamental do Colégio La Salle, de Esteio, na grande Porto Alegre, até hoje é um marco na trajetória de Cláudio Luciano Dusik, que em 26 de março deste ano apresentou sua dissertação no Programa de Pós-graduação em Educação da UFRGS. Ao defender o trabalho *Tecnologia Virtual Silábico-alfabética: tecnologia assistiva para pessoas com deficiência*, ele se tornou o primeiro aluno com necessidades especiais a concluir mestrado no programa.

No mínimo, foram dois os ensinamentos que Cláudio guardou do mestre de sua infância. Primeiro, a determinação de sempre buscar uma forma adequada à sua condição física para realizar seus objetivos – assim como quando perguntava aos seus alunos: "Como é que vocês acham que o Claudinho pode brincar disso?". Então surgiam soluções

do tipo: "Ah, já sei, professor, a gente trilha a corda, e o ajudante passa com ele por baixo". E assim as brincadeiras iam se adaptando ao único estudante cadeirante da escola.

O segundo aprendizado com Isanir também veio em função de ele ter instituído a figura do ajudante do dia: "Olha, Cláudio, nem todas as amizades são conquistadas de primeira. Elas levam tempo. Tu tens que construir essas amizades. No mundo tu vais encontrar pessoas que são solidárias de primeira e pessoas que ainda não aprenderam a ser solidárias, e pessoas com quem tu vais ter de construir a amizade". Então ele perguntou ao professor como se construía uma amizade: "Tu tens que buscar coisas boas em ti, buscar ser uma boa companhia, porque amizade não é só receber, mas também oferecer".

Fazendo amigos – A partir daquele momento, Cláudio passou a refletir sobre o que de bom teria para oferecer aos outros, procurando não manter uma postura de apenas esperar receber. Chegando em casa, torpedeou o pai com perguntas sobre futebol, e dali em diante começou a buscar todo tipo de informação sobre os assuntos mais variados – esportes, música, desenho. Queria ter assunto para conversar com seus ajudantes. Ao desenvolver essa nova capacidade, Cláudio diz que foi como se ligasse um radar capaz de perceber o outro, e não apenas ficar olhando para o seu 'mundinho'.

Até hoje, quando se depara com uma situação nova ou conhece alguém que não é prestativo, limitando-se a ficar espantado com sua situação, ele lida de forma natural. Afirma ter aprendido isso com seu professor: "Sei que se eu sair na rua e ninguém se oferecer para me ajudar a subir um degrau é porque as pessoas não aprenderam a ser solidárias. A sociedade não nasceu pra me ajudar;

eu nasci para me incluir na sociedade".

Descobrir o futuro – Em casa, Cláudio também não era excluído das brincadeiras de rua, pois seus pais sempre faziam com que seus irmãos o levassem onde quer que fossem se divertir. O resultado foi muito joelho ralado e roupa suja, o que para Cláudio representou a possibilidade de viver a experiência de infância mais próxima do que poderia ser chamada de normal: "Vivenciei sair na rua, vivenciei levar tombo, vivenciei andar de skate. Meu irmão me amarrava na bicicleta e saía andando", gosta de lembrar suas aventuras com o caçula.

Após tantos anos convivendo com a ideia de que não sobreviveria além dos sete anos, conforme diagnóstico médico, quando chegou ao final do ensino médio e a escola promoveu um trabalho de orientação vocacional, Cláudio percebeu o quanto não estava preparado para a noção de futuro. Em casa, aprendeu que um dia viraria um anjinho e ele ficaria perto do Papai do Céu. Mas essa já não era uma verdade, estava com 17 anos e precisava responder à orientadora educacional Cecília o que sonhava ser. Queria ser médico, pensou, afinal de contas esse era um ambiente que ele conhecia bem. Por outro lado, essa profissão exigia o manuseio de materiais e tocar os pacientes, práticas difíceis para ele. Foi quando lembrou da frase do professor Isanir: "Como é que se pode fazer de outro jeito?". Então concluiu: "Já que não posso ser médico do físico, vou ser médico das emoções".

"Teimoso", é como dona Elisa, mãe de Cláudio, costuma reclamar do filho algumas vezes. E foi essa teimosia que o fez vender produtos de beleza a colegas e professores para poder pagar a inscrição do vestibular da Ulbra em 1994 para concorrer a uma das vagas do curso de Psicologia. Ao ver seu nome na lista de aprovados, não sabia se ficava feliz por ter passado ou triste porque sua família não teria recursos para bancar os estudos. Sua mãe o consolava, dizendo que já era uma vitória o fato de ele ter passado. "Vitória? Pois sim, isso não bastava, queria fazer a faculdade", esses foram os pensamentos que o mantiveram acordado a noite inteira.

Resumindo: uma amiga apareceu do nada oferecendo de presente o dinheiro da matrícula; Cláudio conseguiu com o prefeito transporte da porta de casa até a faculdade; e ele ganhou bolsa de estudos ao final do primeiro semestre devido à competência que demonstrara em cumprir as tarefas: "Pedi aos professores que exigissem o máximo. Ou ele desistia ou se mostrava capaz". O receio da universidade, segundo o pró-reitor que chamara dona Elisa para uma reunião, era o fato de ser um curso que lidava com pessoas, e não com máquinas, por isso havia toda uma questão ética e um conselho profissional cioso nesse sentido.

Desde 2001, Cláudio é funcionário concursado no município de Esteio e está lotado na Secretaria de Educação, onde trabalha como assessor pedagógico e desenvolve uma série de projetos de inclusão nas escolas. Recentemente, realizou prova de doutorado na linha de pesquisa Informática na Educação da Faculdade de Educação da UFRGS e aguarda o resultado. Se aprovado também na entrevista [até a impressão desta edição do JU já sabia que havia passado na prova escrita], terá como orientadora a professora Lucila Santarosa, que já o acompanhou em sua dissertação de mestrado. Faz tempo que sua mãe não o chama de teimoso, mas tem o maior orgulho do filho que no dia 21 de abril deste ano completou 36 anos. Onde estão mesmo aqueles médicos que...?



Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para jornal@ufrgs.br e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local



BALÕES COLORIDOS/2012



PA DE JARDIM/2012

“Mas a transitoriedade é muito triste, dirão os senhores. Não, replico eu, ela é a alma do ser, é o que confere valor, dignidade e interesse à vida, pois a transitoriedade produz o tempo – e o tempo é, ao menos potencialmente, a maior e mais útil das dádivas [...]”.

Thomas Mann,
Elogio da Transitoriedade

Artesania do tempo

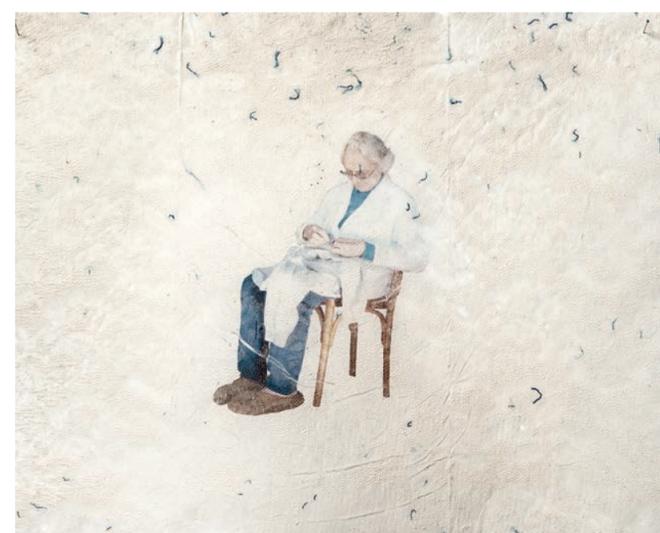
FOTOS MARÍLIA BIANCHINI

É o olhar otimista de Mann sobre o transitório que Marília Bianchini busca em imagens cotidianas. Parte das obras apresentadas em *Elogio da transitoriedade*, exposição que faz parte do projeto *Contemporâneo RS* e que foi exibida no Santander Cultural, retrata uma senhora idosa em diferentes situações – em pé, deitada em um sofá, costurando, capinando. Parecem cenas melancólicas, nos colocando diante de um lento e solitário passar dos dias. Temos a personagem e seus objetos de relação – uma cadeira de balanço, o pano de costura, o sofá, a enxada, balões –, mas não temos um cenário específico, tampouco um nome.

Outra parte das obras registra ferramentas de jardinagem. Contrasta não somente com a aparência sedentária e frágil da senhora, mas também com o papel delicado que a fotógrafa utiliza. Suas cores fortes e a presença bruta nos remetem à ideia de labor ou trabalho, no seu sentido mais arcaico, tão presente no processo de produção artesanal da artista (os papéis em que os instantâneos estão impressos foram produzidos pela própria Marília). Neles, as imagens se fundem com os papéis fibrosos, criando uma interferência direta da imagem sobre a superfície, e vice-versa. De diferentes origens (folha de bananeira, fibra de jeans, etc.), o suporte parece estar a ponto de se desfazer, assim como os registros, que têm um aspecto bastante desbotado, consequência do processo de impressão no qual o papel deixa passar parte da tinta. Essa característica de *desmanche* do material artesanal, essencial na trajetória da fotógrafa, a fez explorar ainda mais a ideia de transitoriedade. Nas suas palavras: “Passar por todo o processo de manufatura do papel significa cortar a planta (ou colher os frutos, no caso as paineiras; ou cortar uma camiseta velha, no caso do algodão), picá-la, cozinhá-la por horas em uma solução alcalina, lavá-la até ficar somente a fibra (o que pode demorar dias), bater essa fibra (com martelo de madeira ou borracha) até ela se transformar em uma pasta, colocar essa pasta em uma bacia com água e CMC (Carboxi Metil Celulose), retirar daí as folhas com moldes, deixá-las secar e prensá-las”.

MARÍLIA BIANCHINI

É FORMADA EM ARTES VISUAIS PELO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS E MESTRANDA EM POÉTICAS VISUAIS NA MESMA INSTITUIÇÃO. *ELOGIO DA TRANSITORIEDADE* FAZ PARTE DO PROGRAMA *RS CONTEMPORÂNEO*, QUE É EXIBIDO NO SANTANDER CULTURAL, EM PORTO ALEGRE.



COSTURANDO/2012

PA/2013



DEITADA NO SOFÁ/2013

Teatro

de muitos palcos

Arte Dramática
Estudantes e professores do DAD alcançam reconhecimento por produções que extrapolam os muros da Universidade

TEXTO
EVERTON CARDOSO

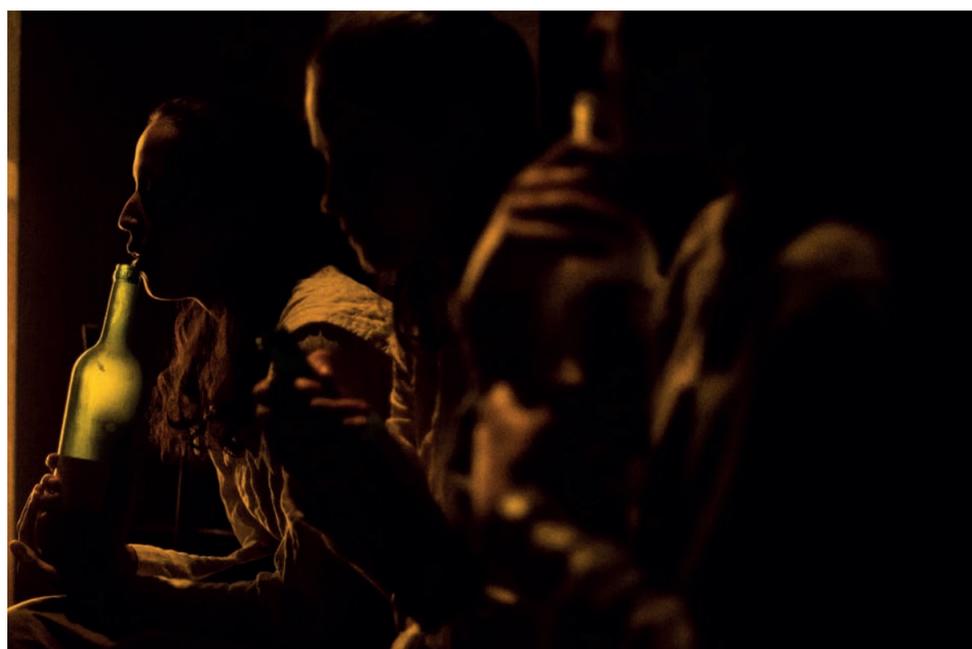
FOTOS
FLÁVIO DUTRA

Para o Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da UFRGS, 2012 foi definitivamente um ano ímpar. Mais conhecido por sua sigla que propriamente pelo seu nome, o DAD conquistou quatro dos mais importantes galardões destinados às artes cênicas em Porto Alegre: *O feio* recebeu o Prêmio Açorianos de Melhor Espetáculo Adulto; *A serpentina ou meu amigo Nelson*, o Prêmio Mais Teatro Revelação; e ambos foram reconhecidos pelo júri popular, cabendo-lhes, por isso, o Troféu RBS Mais Cultura. Essas produções surgiram de experiências pedagógicas realizadas em disciplinas do departamento com vistas à formação de atores, diretores e professores de teatro em nível de graduação. Fruto de uma movimentação que teve início na segunda metade da década passada, esse reconhecimento traz à luz os resultados alcançados por montagens de espetáculos que envolvem graduandos e que, muitas vezes, nascem de projetos de pesquisa desenvolvidos pelos docentes. Representam, pois, a convergência esperada do espaço universitário: ensino, pesquisa e extensão – respectivamente, formação de profissionais, produção de conhecimento e eventos que extrapolam as fronteiras acadêmicas e fazem circular o que se produz dentro da UFRGS.

Com uma história que remonta aos tempos em que a Faculdade de Filosofia era um guarda-chuva que abrigava cursos de diversas áreas de conhecimento, o DAD – iniciado apenas como curso vinculado a essa unidade universitária e, mais tarde, centro e departamento do Instituto de Artes – tem uma tradição de montagens de espetáculos teatrais com impacto nas artes dramáticas locais. Em entrevista concedida à revista *Cena*, em abril de 2000, o então professor do departamento Sergio Roberto Silva relata que o curso surgira por iniciativa de um grupo de jovens atores porto-alegrenses que sentiram a necessidade de aprofundar sua formação. A criação do curso de Estudos Teatrais foi, na avaliação de Cláudio Heemann em depoimento para a mesma publicação, tributária da “exitosa” produção teatral da cidade nas duas décadas anteriores. Sob a perspectiva de Silva, no entanto, o teatro que surgira dentro da jovem escola era “acanhado”. Somente com a vinda do diretor Luiz Paulo Vasconcellos, em 1969, para coordenar a montagem de *A ópera dos três vinténs*, é que esses espetáculos começaram a ganhar luz e, por sua melhor qualidade, atrair mais olhares. A ambição do profissional do teatro que se tornaria docente não foi pouca: todos os 28 alunos então matriculados foram levados à cena, e a peça entrou para a memória do teatro da cidade.

No final dos anos 1970, o departamento ganhara corpo: os alunos já somavam mais de uma centena e as produções tiveram seu auge. Um novo impulso nas montagens que envolvessem estudantes se deu na comemoração do cinquentenário do DAD, em 2007. O marco foi a encenação do espetáculo *Yvonne, princesa da Borgonha*, coordenada pelo diretor teatral e então professor da UFRGS Irion Nolasco. Novamente a ousadia pautou o trabalho de um docente: “Era uma peça longa, o que achei interessante. Os alunos geralmente têm experiências com montagens mais curtas, e essa era uma oportunidade de experimentarem quase quatro horas de espetáculo”. “O melhor do teatro”, ensina Irion, “é fazê-lo. Só teorizar não basta. Teatro é para ver, para fazer, para ter a sensação de ir criando algo”. Segundo o diretor, não há nada como a sensação de iniciar-se do nada e, aos poucos, ir dando corpo a uma produção. Daniel Fraga participou da montagem de *Yvonne* enquanto era estudante do Bacharelado em Direção Teatral, curso em que hoje é professor substituto. Na memória dele, a forma colaborativa como o trabalho foi desenvolvido é que foi marcante, pois valorizava o trabalho dos atores. Isso porque Irion montou as cenas a partir de improvisações criadas pelos próprios estudantes. “Foi excelente para nós alunos, pois nos deu uma experiência profissional”, avalia.

A peça desencadeou uma retomada significativa de produções de maior duração e fôlego, e que exigiam de professores e alunos mais envolvimento e dedicação. O Departamento de Arte Dramática, então, começou a oferecer ao público da cidade espetáculos que, para além dos limites da Universidade, contribuem para a renovação da produção teatral em Porto Alegre. Assim foi com a formação do Grupo Cerco, decorrente de suas duas montagens inspiradas na obra de Erico Verissimo – *O sobrado* e *Incidente em Antares*. Da mesma forma, as montagens de *A bilha quebrada*, *Tocaia* e *Natalício Cavallo* repercutiram para além do ambiente acadêmico. Consistem em espetáculos que, mais que peças, são experimentos de professores-pesquisadores. Estabelecem, assim, um processo de retroalimentação em que a pesquisa e a reflexão retornam à prática como forma de levar a linguagem do palco por caminhos ainda por deslindar.



Pesquis

Depois de repassadas algumas das cenas do espetáculo *O sobrado* em que houvera imperfeições na reestrea da noite anterior, 6 de junho, o elenco do Grupo Cerco aos poucos acode ao palco do teatro de Câmara Túlio Piva para iniciar o processo de aquecimento. Porém, quem coordena o trabalho não é a diretora Inês Marocco, mas a atriz Martina Frölich, que interpreta a personagem Alice na peça. Ela sugere um jogo de aquecimento que, aos poucos vai fazendo com que todos caminhem no mesmo ritmo, ora mais lento, ora mais rápido. “Agora, cada um dá seu texto”, ordena. Em uma fração de segundo, a sensação que se tem é de que não mais os atores estão ali, mas Florêncio, Licurgo, Maria Valéria, Torfíbio, Bibiana e todos os demais personagens que, em poucos minutos construirão a história do cerco ao sobrado dos Cambará na imaginária Vila de Santa Fé durante a Revolução Federalista, em 1895. “Eles já são completamente autônomos”, analisa Inês Marocco a respeito do elenco de estudantes que ajudou a moldar para que, depois de graduados, empreendam carreiras profissionais.

Projeto coletivo – “Sempre tenho a preocupação com a profissionalização”, enfatiza a professora. Por isso, para ela, a proposta de armar uma produção que saísse do contexto universitário era uma forma de abrir-lhes portas no mundo do teatro. Ao lembrar o processo de um ano por que passaram, em 2008, durante a preparação de *O sobrado*, Inês diz que a possibilidade de debruçar-se durante dez meses sobre um único espetáculo foi o maior privilégio e, provavelmente, o segredo do sucesso de crítica e público. “Não tinha objetivo comercial”, enfatiza, “mas formativo. Como não havia um produtor cobrando, trabalhamos sem limitação de tempo. Isso nos permitiu errar, deixar acontecer – em resumo, criar.” Criação, pois, para o Grupo Cerco é, desde então, sinônimo de um processo longo: “Todos entenderam que o que é fácil não é legal, que o bom é difícil”.

Engana-se, porém, quem acredita que o trabalho estava centrado na figura da diretora. “Hoje se fala muito em trabalho colaborativo. É coletivo, mas com diretor. Trabalho com o grupo todo”, diz. Inês Marocco, aliás, enfatiza muito o fato de, além de dirigir, ter em mente sempre o seu papel como educadora e formadora de novos profissionais. “O processo é tão importante quanto o resultado. A minha preocupação é pedagógica”, aclara. Para a professora, essa experiência equivale a um grande laboratório em que os estudantes se deparam com tudo o que, mais tarde, será a vida como profissionais do teatro. Rodrigo Fiatt, que na época da primeira montagem da peça era estudante do Bacharelado em Teatro, com habilitação em Interpretação, julga que essa oportunidade de trabalhar em grupo foi uma experiência única. “Isso faz toda a diferença na formação de um ator. Vemos muito em Porto Alegre espetáculos de elencos que estreiam e não duram mais do que uma ou duas temporadas”, analisa sobre a despreocupação dos artistas em constituir um repertório profissional. “Um grupo”, segue, “tem esse privilégio e a possibilidade de aprofundar o seu trabalho e desenvolver uma pesquisa de linguagem.” Na opinião do ator e professor do Departamento de Arte Dramática da UFRGS Clóvis Massa, é exatamente nesse processo de emancipação dos atores que está o grande mérito da pretensão pedagógica embutida na formação do Grupo Cerco. “Eles levam muito à frente a relação de

trabalho e são responsáveis pela criação das coisas”, analisa.

Trabalho duro – A adaptação da obra literária para os palcos teve início com a leitura por todo o grupo dos dois volumes de *O continente* – os dois primeiros do épico *O tempo e o vento*, de Erico Veríssimo. Na estrutura da obra, a história do cerco ao sobrado é contada ao longo de sete capítulos, que vão sendo intercalados com outras histórias como *Ana Terra* e *Um certo capitão Rodrigo*, estas certamente as duas mais notórias. Depois, por meio da técnica conhecida como ‘máscara neutra’, Inês realizou com os atores um processo que ela chama de “limpeza corporal”, de eliminação de gestos repetidos inconscientemente pelos atores. De acordo com esse método de trabalho artístico, os participantes usam uma máscara que lhes cobre o rosto e anula o uso da face como elemento de composição da expressividade dos personagens. “Assim, conseguimos suprimir todos os vícios corporais dos artistas”, aclara para enfatizar o quanto ganham em expressividade corporal. “O corpo do ator tem de se expandir, tem que ser maior que o corpo que ele usa no cotidiano”, sintetiza.

Pesquisadora vinculada ao Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da UFRGS, Inês Marocco tem desenvolvido um trabalho que, a partir da gestualidade espontânea do campesino sul-rio-grandense propõe um método de treinamento do ator com vistas a uma linguagem corporal expressiva. Assim, quem vê *O sobrado* identifica elementos que remetem à forma de ser do homem sulino que vão muito além do desgastado sotaque carregado, normalmente atribuído a personagens gaúchos – recurso praticamente ausente na atuação do elenco. “Técnicas como laçar, pealar e tosquiar serviram de base para a criação de um sistema de treinamento para o trabalho do ator. É como uma ginástica, que desenvolve a presença física e aciona o imaginário por meio do trabalho corporal. Isso deu muita densidade dramática”, explica a diretora sobre o método que desenvolveu sob a perspectiva da etnocologia.

Na avaliação do jornalista Renato Mendonça, mestrando no Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da UFRGS e professor da Escola de Espectadores de Porto Alegre, o marcante na montagem do Grupo Cerco é a recuperação de um estilo mais tradicional de narrativa, apreciado pelo público. Além disso, ele destaca as soluções cênicas encontradas para contar episódios do épico de Erico Veríssimo. Para a diretora Inês Marocco, a preocupação durante a montagem do espetáculo foi sintetizar as situações de forma esteticamente interessante. “Há várias surpresas para manter o espectador muito ligado. Para isso, procuramos fazer com que haja muitas peripécias”, conta. De acordo com o coordenador de artes cênicas da Secretaria da Cultura de Porto Alegre, Breno Saul, a montagem trouxe o DAD de volta a uma posição protagonista na cena teatral da cidade. Prova disso foram as sessões lotadas do espetáculo em todas as suas apresentações; a indicação para o Prêmio Açorianos de Teatro em 11 categorias – sendo que venceu em três delas; os prêmios Braskem em Cena, tanto pelo júri oficial quanto pelo popular; e o Troféu RBS Cultura na categoria de melhor espetáculo. Além disso, três anos depois, em 2012, o grupo estreou uma nova adaptação da obra de Erico Veríssimo, *Incidente em Antares*, também com sucesso de público e crítica.

sa levada à cena

Se 2007 foi marcado por uma nova montagem de fôlego no DAD – *Yvonne, a princesa de Borgonha* – e 2009 pela formação de um grupo teatral a partir da experiência de atores-estudantes, 2011 foi o momento em que essa produção que extrapola o contexto universitário ganhou ainda mais visibilidade. Também outros dois resultados de pesquisas de docentes do departamento deram origem a montagens de repercussão na cidade. Com o espetáculo *A bilha quebrada*, o professor e pesquisador Clóvis Massa levou a público o conhecimento acumulado em seus projetos de investigação relacionados ao gênero cômico. O bacharel em interpretação teatral pela UFRGS e ator desde 1991 dedicou-se a refletir sobre a diferença entre duas formas desse tipo de obra: “A farsa é um subgênero da comédia. Ela tem por característica provocar a graça por meio de algo que não seja discursivo, mas pelo jogo do ator”, explica sobre a forma de peça em que a comicidade não está no jogo de palavras, mas nas situações cênicas. “Ela lida com as características mais abjetas do ser humano. Representa seres piores do que nós”, aclara. Como queria ver o resultado dessa pesquisa posto em prática, Clóvis procurou um texto dramaturgicamente que lhe possibilitasse desenvolver algo em conjunto com um grupo.

O professor, então, selecionou oito atores – destes apenas três sem passagem pelo DAD – e começou o processo de aplicação do que resultara de sua pesquisa. “Procurei instituir a atmosfera de tribunal, em que o espectador se sente como audiência de uma corte. Os personagens se dirigem à plateia”, conta. Conforme o idealizador da montagem, a intenção era fazer com que existisse uma relação de coexistência de diferentes traços característicos por meio de personagens que fossem figuras estranhas e complexas, criadas em conjunto com o elenco. “Na farsa”, complementa, “normalmente os tipos sociais que fazem a graça são previamente estabelecidos, são tipificados.” Em seu espetáculo, ele procurou fugir dessas fórmulas e trazer características desses limites.

Conhecimento no palco – No mesmo ano em que fora montada *A bilha quebrada*, estreou também *Tocaia*, sob a direção de Xico de Assis – nome pelo qual é conhecido no meio teatral o professor e atual chefe do Departamento de Arte Dramática Francisco de Assis de Almeida Júnior. Segundo o docente, também ator principal do espetáculo, a montagem surgiu no grupo de pesquisa que ele coordena e no qual se estuda a espetacularidade na cultura brasileira e a descentralização cultural. “Tenho um projeto de extensão da UFRGS que leva peças para escolas públicas da periferia”, conta. Por meio deste, foram realizadas 15 apresentações da montagem de teatro de rua que está baseada na cultura popular brasileira, sobretudo na linguagem da literatura de cordel. Por onde levaram o espetáculo, Xico e seu elenco – mais dois atores com passagem pelo DAD – realizavam, após a apresentação, uma conversa com o público e recomendavam aos professores que desenvolvessem atividades com os alunos em aula. A partir do material coletado, foram, aos poucos, retrabalhando *Tocaia*. Para o ator e diretor, o mais enriquecedor desse tipo de experiência é que, ao

sair das salas de espetáculo e circular por áreas da cidade em que as pessoas pouco têm acesso ao teatro, é preciso negociar com os espectadores, adaptar-se a eles, de algum forma. “Nós somos os estrangeiros”, resume sobre o que considera a dimensão política e social da descentralização cultural na produção cênica.

Também a peça *Natalício Cavalo* é fruto da pesquisa acadêmica desenvolvida pela professora do DAD e diretora teatral Patrícia Fagundes durante seu processo de doutoramento. Estreado em março deste ano, o espetáculo é o segundo dentro da *Trilogia festiva*, que começou em 2010 com *Clube do fracasso*. “A ideia está vinculada à minha tese, à ética da festividade na criação cênica. Prevê linguagem e poética relacionadas a esse conceito de festividade”, diz. Patrícia esclarece, porém, que a noção de festividade de que parte está ligada à poética, a uma metodologia de trabalho e linguagem. Não é uma tentativa de evasão. “A festa é uma forma de negociar com a morte; e o prazer uma estratégia de resistência na sociedade em que vivemos”, completa. No caso do trabalho da professora, o projeto – ainda que com relações estreitas com a academia – é parte do repertório de um grupo encabeçado por ela: a Cia. Rústica de Teatro, formada em conjunto com mais quatro atores. “Hoje o artista precisa ser empreendedor também. Ele assume uma autoria sobre o trabalho que inclui executar tarefas, para não depender de alguém que não apareça”, ensina sobre a condição do profissional de teatro. Da experiência de seu projeto, então, vem a grande lição: “Fazer teatro é criar em conjunto e com sustentabilidade, ou seja, profissionalizar”.

Da aula para o mundo – Na confluência dos três eixos sobre os quais deve estar apoiada a atuação de uma universidade, o ensino é, em geral, aquele que tem maior visibilidade na sociedade. Isso porque, a partir dos profissionais formados pelas instituições de ensino superior é que se tem uma objetivação do avanço do conhecimento. No caso do teatro, isso não é diferente. Se nas origens do Departamento de Arte Dramática – então, apenas um curso – estava a intenção de melhorar a produção da cidade a partir da qualificação de atores e diretores, algumas das produções recentes – e o reconhecimento recebido por elas – atestam o quanto esse objetivo parece estar sendo alcançado. Exemplo disso é o espetáculo *O feio*, dirigido pela estudante do Bacharelado em Direção Teatral Mirah Laline.

A montagem é decorrente de um processo desenvolvido por Mirah ao lado de dois colegas-atores – estes, porém, da ênfase em Atuação do Bacharelado em Arte Dramática – iniciado na disciplina Ateliê 1, em que alunos de ambas as ênfases unem-se para criar espetáculos. “Por acaso, no primeiro semestre de 2011, havia poucos estudantes matriculados na disciplina, então tive de escolher uma peça com poucos atores. Como já conhecia Rossendo Rodrigues e Paulo Roberto Farias, conversamos para trabalharmos juntos”, relembra. Assim surgiu *O feio in process*, uma versão parcial e preliminar da peça que, em 2012, seria concluída. Quando estreou em salas de teatro fora da Universidade, a montagem dirigida por Mirah trazia consigo referências da arte pop

construtivista, remetia à tecnologia e à ciência e, ainda, estabelecia um diálogo próximo com personagens do mundo midiático tão diversos – e, ao mesmo tempo tão próximos – quanto os desenhos animados Johny Bravo e Lula Molusco (do seriado *Bob Esponja Calça Quadrada*), o cirurgião plástico Doutor Hollywood e o empresário Roberto Justus.

Dentre os aspectos que considera mais marcantes da montagem, Mirah destaca o ritmo frenético, o tempo rápido da ação. “Isso potencializa o estado de jogo dos personagens”, justifica. Além disso, ela aponta o fato de o vídeo ter sido usado não como cenário do espetáculo, mas como elemento integrante das cenas. Isso acontece, por exemplo, no momento em que o personagem principal passa por uma cirurgia plástica na peça: o vídeo mostra imagens de operações reais. “A intenção é causar estranhamento para que o público reflita sobre o que vê na peça e, então, participe do questionamento em relação ao que está acontecendo”, esmiúça. Essa inovação foi, na opinião da jurada do prêmio Açorianos 2012 Adriane Azevedo, o grande mérito do espetáculo. “É preciso pensar que as pessoas querem ver coisas novas e que precisamos movimentar o teatro. Dentro do DAD surgem essas propostas diferentes”, analisa. O reconhecimento à qualidade do trabalho desenvolvido a partir das experiências de aula dos estudantes do DAD veio principalmente com as nove indicações e dois prêmios no Açorianos de Teatro em 2012 – Melhor Espetáculo Adulto e Melhor Ator Coadjuvante para Paulo Roberto Farias. Isso sem contar o Troféu RBS, em eleição pelo júri popular. O surpreendente é que, apesar de ser uma produção estudantil, o espetáculo foi incluído na categoria principal, pois fizera temporada também no circuito profissional da cidade, na Sala Álvaro Moreyra do Centro Municipal de Cultura. Foi desse conjunto de nove apresentações – então com a peça plenamente estruturada – que decorreu o reconhecimento.

Qualidade na rua – Premiado tanto pelo júri popular quanto pelo júri oficial em categorias destinadas a novos talentos foi o espetáculo de rua *A serpentina ou meu amigo Nelson*, dirigido pela mestrandia em Artes Cênicas pela UFRGS e bacharel em direção teatral Evelise Mendes. Resultado dos trabalhos gestados nas disciplinas iniciais de Estágio de Montagem e Estágio de Atuação, a peça reúne dois desejos do coletivo que, depois, constituiu o Grupo Pindaibanos: fazer teatro de rua; e montar uma peça do dramaturgo Nelson Rodrigues de uma forma diferente da que se está acostumado a fazê-lo, da maneira como normalmente se vê na televisão, por exemplo. Já fora da UFRGS, a peça foi encenada no pátio que fica à frente do Teatro de Câmara Túlio Piva. “Propus de fazermos do lado de fora e de chamarmos o público que estivesse andando pela Rua da República, no bairro Cidade Baixa. “As pessoas se divertiram muito”, relembra Evelise. Em relação aos prêmios recebidos, a diretora diz terem sido muito gratificantes. “É claro que eu e meus colegas de grupo não nos iludimos, pensando que tudo agora vai ser maravilhoso. Mas nos deu muita força para continuar com o trabalho. Tínhamos desejo de seguir, e o prêmio só corroborou”, enfatiza.

Nas páginas desta edição do Caderno JU, imagens dos bastidores e do palco na apresentação do espetáculo *O sobrado*. A temporada no Teatro de Câmara Túlio Piva, no mês de junho, foi comemorativa aos cinco anos de formação do Grupo Cerco. A montagem é resultado de um processo coletivo de criação coordenado pela professora e pesquisadora do DAD/UFRGS Inês Marocco, que recebeu o Prêmio Açorianos na categoria melhor direção.

FLÁVIO DUTRA/JU

Em cena de *O sobrado*, os atores Rodrigo Fiatt e Isandria Fermiano, ambos indicados ao Prêmio Açorianos de 2009 por suas atuações no espetáculo



Novas plateias

Apresentações de espetáculos na capital e no interior dão *experiência* a estudantes e *atraem público* para o teatro

A circulação está, como em todo tipo de produção artística, na essência do teatro. O que seria de uma peça sem público? A partir dessa necessidade de ter retorno de plateias para os trabalhos desenvolvidos pelos alunos do Departamento de Arte Dramática é que algumas iniciativas acabam sendo fundamentais para que o ciclo da produção cênica se complete. Entre essas, está o Teatro, Pesquisa e Extensão (TPE). O projeto consiste em uma sequência de espetáculos em temporadas mensais na Sala Alziro Azevedo, dentro do próprio DAD, para espetáculos que tenham, necessariamente, surgido como iniciativas de disciplinas dos cursos de Teatro e que tenham sido apresentadas nos últimos dois anos. Com uma sessão às 12h30 e outra às 19h30 todas as quartas-feiras, a iniciativa possibilita, para os atores, produtores e diretores proponentes dos trabalhos, uma vivência próxima da realidade do ator profissional. Para o público, é uma oportunidade de ter contato com produções experimentais sem ter de pagar por isso. É, portanto, formação de profissionais de teatro e, também, de público.

Teatro em crescimento – De acordo com o professor de História e Teoria do Teatro Clóvis Massa, nos anos 1970, o teatro que se produzia nos cursos da Universidade era muito importante para a cidade. Isso, diz ele, é unânime nos relatos de quem acompanhou a cena artística do período. “Só que a cidade aumentou de tamanho, riqueza e complexi-

dade”, pondera. Tanto é que a capital hoje tem eventos importantes na área, como é o caso do *Porto Alegre em Cena*, que neste ano terá sua vigésima edição. Nesse contexto mais amplo do que existia há quatro décadas, Clóvis destaca o papel exercido por iniciativas que estimulem a nova produção em artes cênicas. “Uma das mais interessantes é o TPE, pois é regular. De alguma forma, determinados grupos se organizam e conseguem transpor os muros da Universidade”, comemora.

De acordo com o membro da comissão executiva do projeto Luis Fabiano de Oliveira, desde a origem da iniciativa, em 2003, até o final de 2012, foram encenados 62 espetáculos. Até o final de 2013 serão 69. Em sua décima edição, no ano passado, o TPE atraiu 2.368 espectadores, público inferior ao dos anos anteriores em razão do fechamento temporário da Sala Alziro Azevedo para reformas. O estudante de Direção Teatral na UFRGS prevê, devido à reabertura da sala e à normalização das atividades no espaço do DAD, um aumento do público. Para se ter uma ideia, basta citar que, na edição de 2013, o público médio tem sido de 47 espectadores por apresentação – a capacidade da sala é de 61 lugares. Considerando essa retrospecto e que até o final do ano serão realizadas 60 sessões, é possível estimar um total de cerca de 2.800 pessoas, o que já representaria um incremento em relação à edição anterior. Na avaliação de Luis Fabiano, o projeto não oferece benefícios somente àqueles envolvidos com as produções. Ainda que estes tenham uma experiência

semelhante a de uma temporada profissional, os estudantes que se engajam na produção também têm sua parcela de aprendizado: “É uma oportunidade ímpar de passar por todas as etapas de produção de uma mostra de teatro”.

Pelo interior do RS – A premiada peça *O feio*, ainda quando em sua versão preliminar e em processo de estruturação foi apresentada no projeto TPE em maio do ano passado. É, pois, um exemplo do quanto as produções oriundas de atividades pedagógicas podem ganhar alcance para além do contexto universitário: depois de concluído, saiu em turnê pelo interior do Rio Grande do Sul em agosto de 2012. Essa viagem por quatro cidades gaúchas – Passo Fundo, Santa Maria, Pelotas e Montenegro – foi parte do Circuito Universitário, realizado pelo DAD em conjunto com o Serviço Social do Comércio (SESC-RS). De acordo com o assistente de produção do projeto, Vinícius Mello, cada uma das apresentações levadas ao circuito no ano passado teve um público médio de 60 espectadores e representou uma oportunidade para os estudantes não abandonarem os trabalhos que gestaram em sala de aula. “Levar os espetáculos a outras cidades é maravilhoso para se ganhar maturidade e para que nós – atores, diretores e equipes técnicas – sejamos conhecidos por bons trabalhos”, avalia sobre o que considera uma possibilidade de observar o trabalho fora do contexto acadêmico.

Podem inscrever-se para participar do circuito, produções que tenham sido originadas nas disciplinas oferecidas a partir do quinto semestre no curso de Teatro. Depois de selecionados os quatro espetáculos participantes, os estudantes passam a negociar o processo de produção diretamente com o SESC-RS. Na avaliação da coordenadora do projeto e professora do DAD/UFRGS Patrícia Fagundes, essa é uma forma de os estudantes experimentarem como será a rotina de um profissional de artes cênicas. “É uma experiência de produção, afinal, é esse tipo de circuito que vai haver no mercado”, enfatiza. Além disso, a docente – com experiência de nove anos à frente da Cia. Rústica de Teatro – diz que, ao viajar, os alunos percebem o alcance, a extensão do discurso artístico. “É contato com o público, com o pessoal que organiza os espetáculos. Também traz uma convivência entre as pessoas do grupo”, acrescenta. Por outro lado, Patrícia faz questão de apontar a dimensão social do projeto, já que as apresentações têm entrada franca: “Levam a Universidade para fora da universidade”.